

O movimento revolucionário está virtualmente triunfante

Das declarações do general Gomes da Costa depreende-se que uma parte dos revoltosos pretende estabelecer uma ditadura militar. De Alfaiates para o Norte, o país está nas mãos dos revoltosos. Segundo um manifesto revolucionário os militares não formarão governo. Infantaria 7 foi aprisionada em Santarém, sem efusão de sangue. Lisboa continua tranqüila, embora os espíritos estejam bastante alarmados. Infantaria 33 está acampada em Tunes, onde aguarda reforços. Uma coluna dos marinheiros do Vale de Zebro marcha sobre Evora, estando ao lado dos revoltosos. O governo pediu a demissão e o presidente da República já encetou negociações para a constituição dum governo nacional

O governo—e quando o nosso jornal circular não sabemos se esta palavra ainda terá razão de ser—para demonstrar que ainda reina a paz por todo o país alarmou ontem a capital com a afixação de cartazes pelas paredes, nos quais afirmava por sua conta e risco que estava senhor da situação. E os cartazes governamentais tiveram o efeito de elogio em boca própria... Verificou-se imediatamente que o governo não estava senhor da situação, porque se o estivesse não necessitaria de recorrer ao meio extremo de vir afirmar-lo em cartazes pelas paredes, à maneira de anúncios de pó para matar insectos.

A revolta vai lavrando por todo o país, como faúlha que incendeia um palheiro e prontamente o devora.

Pelo relato que a seguir fazemos dos acontecimentos constata-se que o governo está completamente perdido. Isso que para aí está presidiado por um homem vagamente barbeado, vagamente inteligente, já não é um governo—é um grupinho de políticos teimosos que a eles próprios se criam a ilusão de que ainda dão ordens neste país.

O movimento é militar, como toda a gente vê. Encontrou atmosfera favorável não em qualquer simpatia que o povo nutra pelo militarismo, mas na animadversão geral que existe contra o partido democrático e muito particularmente contra os processos ditatoriais de António Maria da Silva.

Nada se sabe de positivo sobre a constituição do futuro governo. Ha contradições flagrantes nas declarações dos revoltosos.

As afirmações do general Gomes da Costa, que são bastante graves, deixam entrever a possibilidade de uma ditadura militar—que é francamente antipática ao espírito popular. Por outro lado fala-se num governo extra-parlamentar que é a solução que mais simpatias e melhor ambiente pode criar.

A atitude do operariado está definida nos nossos editoriais de ontem e de anteontem. É de neutralidade em face dos acontecimentos e de expectativa. Se a questão se localizar num ajuste de contas no campo político sem que as liberdades e regalias populares sejam afectadas, o proletariado organizado e consciente limitará-se a seguir com atenção os acontecimentos. Se, porém, alguma atitude de hostilidade se manifestar contra o proletariado—ele terá de defender-se, embora sem pactuar com o governo cuja sorte lhe merece o maximo desprezo.

O preludio da revolução

Do movimento revolucionário, que teve a sua eclosão na madrugada da noite de 28 de Maio, começam a conhecer-se os seus principais pormenores. Sabe-se que o general Gomes da Costa saiu de Lisboa na quarta-feira passada, em automóvel, acompanhado pelo seu ajudante, tenente Pinto Correia, e pelo tenente João Pereira de Carvalho, de cavalaria 11.

Sabe-se também que às 17 horas parou à porta de uma casa dos arredores de Lisboa, onde o general passou a noite, em automóvel. Momentos depois o chefe da rebelião metia-se nesse automóvel e partia para Paialvo onde o sr. Gomes da Costa contava tomar o rápido que o conduziria ao Porto.

Por razões que não vêm para o caso o plano foi modificado. O automóvel conduzindo o general passou por Coimbra em direcção ao Porto, onde chegou na quinta-feira de manhã.

No dia da sua chegada o general Gomes da Costa conferenciou com os oficiais superiores que representavam a maioria das unidades da guarnição, os quais se comprometeram: uns a colaborar no movimento, e outros a não o hostilizar.

Cerca das 21 horas, o mesmo automóvel que o trouxe de Lisboa, partiu com o general para Braga. O sr. Gomes da Costa, depois de instalado numa casa particular, fez desfilhar diante de si dezenas de oficiais de todos os corpos da guarnição que se colocaram inteiramente a seu lado.

A proclamação do movimento

A 1.ª e 3.ª da madrugada, o ajudante do general, tenente Pinto Correia, avistava-se com o general Perez, comandante da 8.ª Divisão. Aquele oficial, que a essa hora já estava deitado, recebeu-o em pijama. O tenente Pinto Correia disse-lhe ao que ia. Comunicou-lhe que a Divisão estava resolvida a sublevar-se, sob a chefia do general Gomes da Costa, o general Perez comprometeu-se, então, sob palavra de honra, a não hostilizar o movimento. Disse mesmo que aguardaria no Quartel General o desenrolar dos acontecimentos, mantendo-se à frente da Divisão.

Apresentava duas razões: 1.ª—Porque era de opinião que o Exército, como única força organizada, devia intervir nos destinos da Nação; 2.ª—Porque à frente do movimento estava uma ilustre figura militar, seu antigo condiscipulo e seu velho amigo, por quem tinha grande consideração. Além disso, o general Gomes da Costa era uma segura garantia de republicanismo.

Estes resultados animaram o general Gomes da Costa, que às 6 horas entrava no quartel de infantaria 29, onde foi recebido com entusiasmo. Porém, pouco depois, o chefe da rebelião era informado de que o general Perez, a despeito das suas declarações, saíra da cidade e se dirigira para Valença, onde estava organizando uma coluna para atacar os revoltosos. Em virtude desta atitude, segundo ainda nos dizem os nossos informadores, o general Gomes da Costa tomou conta do comando da divisão.

Seguidamente o general visitou todos os quartéis, onde lhe fizeram um acolhimento carinhoso. Fez-se o juramento solene de que lutariam até final para alcançar a vitória... e a função principiou...

A estação radiotelegráfica de Braga comunicou então a todas as unidades da Divi-

Marchando contra os revoltosos

Entretanto no Porto as forças fiéis ao governo preparavam-se para avançar para Braga. De Ermezinde partia para Braga, às 14 horas, a primeira coluna, composta de infantaria 8 e 31, um esquadrão de cavalaria da guarda republicana e uma divisão de artilharia com duas peças. A comandada pelo tenente-coronel Leal de Magalhães. O comandante da artilharia era o Marquês de Ficalho.

Às 17 horas, pôs-se em marcha a segunda coluna, composta por infantaria 18, uma companhia de saúde e mais uma divisão de artilharia com duas peças. Ao todo, cerca de 1.000 homens, que são superiormente comandados pelo coronel David Rodrigues.

As tropas seguiram pela estrada de São Romão, tendo pernoitado em diferentes pontos do percurso.

Julgou-se imminente um combate entre as forças revoltosas e governamentais. Porém até à hora em que escrevemos nada nos contou a tal respeito.

A repercussão do movimento

Enquanto no norte se desenrolavam os acontecimentos a que fazemos menção, o regimento de infantaria 33, aquartelado em Lagos, saíu do seu quartel sob o comando do capitão Amado da Cunha, num total de 279 soldados, com uma secção de metralhadoras, tendo como subalternos 15 oficiais e 12 sargentos. O comandante e alguns oficiais não aderiram ao movimento.

As forças referidas apoderaram-se do comboio n.º 2, que saiu de Lagos às 8 horas, chegaram a Tunes às 11 horas e embarcaram nesta estação no comboio n.º 506. Às 5 horas desembarcaram em Alcácer.

Do que se passou depois fala o noticiário que noutro lugar inserimos.

Os acontecimentos no sul do país

Os ferroviários do Sul e Sueste abandonaram o trabalho e a vila foi ocupada por forças revoltosas da marinha

BARREIRO, 29.—Do nosso enviado especial.—Chegaram a esta vila vários oficiais do exército e da marinha acompanhados de muitos elementos civis. Vieram no vapor que partiu do Terreiro do Paço, às 16.10. Seguiram, na sua maior parte, num rebocador para Vale de Zebro, onde estavam obter a adesão dos marinheiros da Escola de Torpedos, ao mesmo tempo que seguia o mesmo rumo num gazolina o tenente da

marinha sr. Barreto. Estes embarques fizeram-se sem dificuldade, nem dissimulação. Nesta vila não havia forças favoráveis ao governo, excepto um contingente de 60 praças da G. N. R. sob o comando do capitão sr. Azevedo, que embora não tivesse aderido aos revolucionários, também não os inquietou, deixando-os proceder à vontade.

Pouco depois das 17 horas chegou a notícia que os ferroviários do Sul e Sueste tinham paralisado, obedecendo à determinação dum Comité Revolucionário composto por elementos daquelas linhas. As 17.30 os membros desse Comité apoderaram-se, sem resistência da estação do Caminho de Ferro do Barreiro, e cortaram as comunicações telefónicas com Lisboa.

Às 18.30 chegaram em automóvel os primeiros marinheiros revoltados de Vale de Zebro. Foram ocupados por eles os edifícios dos correios e da Câmara e a estação dos telefones.

Chegarão mais praças, estabelecendo-se com elas um serviço de vigilância da estação ferroviária. Um oficial vindo de Lisboa, o capitão do exército sr. Sousa, acompanhado por alguns elementos civis, foi lamentar com o capitão Azevedo da G. N. R., que ao que parece se manifestou em discordância com o movimento, embora não estivesse disposto a hostilizá-lo.

Contudo a sua renúncia dá-se como certa não se mostrando os revoltosos inquietos com a sua atitude.

No Barreiro está-se organizando um comboio com os marinheiros e vários civis que conseguirão armar-se. Dirige-se a Evora no intento de decidir a guarnição da cidade a aderir ao movimento. O comité ou antes delegados do comité revolucionário telefonaram para Tunes para o comandante do batalhão de infantaria 33, informando-o que o Sul e Sueste estava nas mãos dos revoltosos e perguntando-lhe se precisava dum comboio para transporte das suas forças. Presumimos que os revolucionários contam ir a Evora com os revoltosos que se encontram em Tunes.

Em Setúbal, segundo informações que colhemos, houve grandes divergências entre os oficiais acerca da atitude a assumir em face do movimento, que iam ocasionando conflitos pessoais.

A cidade permaneceu tranqüila e a tropa deixou-se ficar nos quartéis.

Ao Barreiro chegou a notícia de que os destacamentos militares que se encontravam no Pinhal Novo se afastaram para longe da estação ferroviária, deixando assim a linha desimpedida aos revoltosos.

Sobre Evora e outras cidades e vilas do Alentejo têm corrido nestas ultimas 48 horas as mais apaixonadas e desencontradas versões, tornando-se numa grande dificuldade o saber-se, ao certo, o que nelas se passou.

Não nos deixamos guiar pelos boatos e conseguimos, ao cabo de grandes esforços, averiguar que Vila Viçosa, Extremoz e Evora se mantinham tranqüilas, não se tendo as suas guarnições militares pronunciado a favor ou contra o governo.

Às 12.30 de anteontem estavam concentradas no Pinhal Novo, 92 praças de infantaria 11, de Setúbal e de 50 da guarda republicana. Forças obedientes ao governo e especialmente encarregadas de não deixar prosseguir a marcha de quaisquer comboios que conduzissem forças revolucionárias. Iguais instruções foram dadas, por determinação do governo, aos ferroviários.

As forças revolucionárias vindas de Lagos no dia 28 compunham-se de 400 praças do batalhão de infantaria 33 aquartelada daquela cidade. Deitaram-se em Alcaçer, devido ao governo ter ordenado que se levantasse a ponte de caminho de ferro.

Os revoltosos aguardaram depois a passagem por Alcaçer do comboio 5 que largou de Lisboa às 21.10, de anteontem e que passou naquela vila às 23 horas. Embarcaram nele e foram até Tunes: apearam-se nesse entroncamento ferroviário e bivacaram junto à Vinha do Figueiredo, próximo da estação. Ficaram ali esperando que se lhes viesse juntar o batalhão de infantaria 4 de Távira e o batalhão de infantaria 33, de Faro.

Porém, até às 19 horas, nenhuma dessas forças se lhe tinha juntado, ignorando o comandante das forças revolucionárias a razão porque tal sucedera.

Beja conserva-se tranqüila. As tropas estão de prevenção, não se tendo produzido o minimo incidente.

O movimento no norte do país

Em Braga, o 6.º batalhão da G. N. R. que ali tem a sua sede, não hostilizou as forças do general Gomes da Costa.

No Porto, segundo um telegrama ontem recebido, vários oficiais andaram em automóveis aos vivas a Gomes da Costa, muitos deles juntando-se aos revoltosos.

De Coimbra recebeu-se um telegrama do seguinte teor: «Uma força militar revoltada, declara que estão sendo cortadas as linhas ascendentes e descendentes em vários pontos, entre Alfaiates e Coimbra, devendo-se suspender a circulação de comboios. A coluna de marinha do comandante Freitas Ribeiro,

e que estava acampada em Amieira, é certo que não poderá prosseguir».

De Santarém, as notícias confirmam a prisão de Mendes Cabeçadas e do major Brito Pais, dizendo que as forças daquela cidade permanecem fiéis ao governo, às ordens dos coronéis Freira e Choque Júnior e do major Faria Leal.

Na Figueira da Foz, a estação telegráfica foi tomada por forças militares que impediram a chegada do comboio especial com a coluna de marinha, avisando os oficiais de que não permitiriam a sua passagem.

Em Vila Real, a divisão militar aderiu completamente aos revoltosos. Em Coimbra também a guarnição militar aderiu ao movimento, assim perdendo o governo um excelente ponto de apoio. Correu ontem o boato de ter sido morto em Mafra um oficial que se opunha ao movimento.

De Mafra, veio a notícia de se terem revoltado as forças militares ali aquarteladas, as quais fizeram marcha sobre Queluz, sob o comando do coronel Oliveira Gomes. As tropas do governo concentraram-se no Alto de Chelheiros, com o intento de resistir.

Um edital do governador civil do Porto

No Porto foi profusamente afixado o seguinte edital:

«Eu, Adalberto Gastão de Sousa Dias, general comandante da 3.ª Divisão do Exército, tendo assumido o governo militar do distrito do Porto por sua ex.ª o sr. governador civil do distrito me ter entregado as atribuições inerentes à manutenção da ordem pública no mesmo distrito, faço saber:

1.ª São garantidas as liberdades nos termos da Constituição Política da República, e consequentemente a liberdade de trabalho e o respeito pela propriedade.

2.ª As 23 horas serão encerrados todos os estabelecimentos, inclusive casas de espectáculo e de divertimento público, restaurantes, etc..

3.ª Das 23 às 6 horas não será permitido o trânsito pelas ruas da cidade, salvo caso de força maior, devendo aquela hora todos os cidadãos estarem recolhidos em suas casas.

4.ª São proibidos todos os ajuntamentos na via pública, reuniões e comícios, ainda que em recinto reservado, sedes de Associações ou Grêmios, sem autorização deste Comando.

5.ª Todas estas determinações serão rigorosamente cumpridas, sendo dadas ordens às forças militares e policia para reprimirem com a maior energia toda a contravenção, podendo mesmo servir-se dos meios extremos, se tanto for preciso.

6.ª A fim de evitar a publicação ou transmissão de notícias tendenciosas sobre a actual alteração da ordem pública e movimento de tropas, devem as empresas jornalísticas submeter, antecipadamente, essas mesmas notícias ao visto deste Quartel General.

Quartel General no Porto, 28 de maio de 1925.—(a) Adalberto Gastão de Sousa Dias, general.—Está conforme. O chefe do estado maior, interino, Martins Soares, major.

Qual o carácter e os fins do movimento?

O que declarou o general Gomes da Costa a um jornalista—Dissolução do Parlamento, destituição do Presidente da República, governo militar

Não se sabe positivamente quais os fins do movimento militar; toda a gente se interroga. As proclamações dos revoltosos de nada elucidavam; eram quasi esfingicas. O *Diário de Lisboa*, porém, atribuiu ontem ao general Gomes da Costa, que tem aparecido como um dos chefes das tropas revoltadas, declarações que achamos interessante transcrever. Segundo o enviado especial do *Diário de Lisboa*, a entrevista decorreu assim:

—Começamos por interrogar: —Qual o carácter do movimento? —O general Gomes da Costa responde. —Exclusivamente militar. Não tem nenhuma cor politica. Nem conservador, nem radical. Pode chamar-lhe de ressurgimento nacional.

—Os fins da revolta? —Levar o Exército a intervir na politica, com o fim de moralisar a nossa administração pública.

—O que pensam fazer, se ficarem senhores da situação? —Constituir um governo militar, composto pelas pessoas que dirigiram o movimento, para que as suas intenções não sejam traçadas. Sucede, frequentemente, em Portugal, os políticos aproveitarem-se,

em seu benefício, de movimentos militares, cujas intenções eram diferentes daquelas que os seus organizadores tinham em vista. Sacrificio inútil, que nós não aceitamos, de forma alguma.

—Quais são as pessoas indicadas para o governo? —O comandante Mendes Cabeçadas, um oficial superior cujo nome ainda lhe não posso dizer e eu. Constituiremos, assim, um triunvirato, apoiado pela marinha e pelo exército, e rodeado dum conselho técnico, que será escolhido entre as pessoas que ofereçam maiores garantias de competência e honestidade. Estamos absolutamente dispostos a manter a tranqüilidade e o respeito pela lei, para que as pessoas competentes possam trabalhar, dando à vida nacional um impulso para a frente.

Terminada esta atmosfera, e logo que as coisas estejam bem encaminhadas, entregaremos o governo a homens que saibam governar.

O Parlamento será dissolvido

Depois, segundo o mesmo enviado especial, o general Gomes da Costa teria dado a seguinte opinião:

—A dissolução imediata do Parlamento, que vem exercendo uma acção desmoralizadora sobre os nossos costumes políticos. Eu bem sei que há homens honestos e competentes entre os membros do Parlamento. Mas a maioria é de incompetentes e a obra de descrédito que estão realizando é nefasta para o país e para as instituições republicanas.

Em primeiro lugar, por de parte todas as leis feitas com objectivos particulares, que defendam apenas os interesses de alguns indivíduos, contrariando o interesse geral da Nação. São leis atentatórias da moral, que é absolutamente indispensável revogar. Em seguida, por cõbra a todos os escândalos administrativos que se vinham registando há alguns anos a esta parte e cujos responsáveis ficaram impunes.

Referindo-se ao caso do Angola e Metrópole, o general apenas declarou que se apressaria o julgamento, condenando-se os culpados e absolvendo-se os que provaram a sua inocência.

O Presidente da Republica será destituído

Acerca da atitude que os militares assumiram em face da Presidência da República, as declarações do general Gomes da Costa não são menos graves:

—E' um ponto delicado que é necessário resolver. O Bernardino Machado, pela atitude que tomou nos últimos tempos, vê-se que perdeu muitas daquelas qualidades brilhantes que fizeram dele, durante muitos anos, uma figura moral digna do nosso respeito. Devo dizer-lhe que tenho uma grande consideração por ele, mas entendo que nesta hora já deve ter compreendido que é tempo de pedir a reforma.

—E para o substituir? —Escolheremos uma pessoa com as qualidades necessárias para desempenhar esse alto cargo.

O general Gomes da Costa fez outras declarações menos importantes, pelo que nos dispensamos de reproduzir. Por exemplo, o general declarou que os militares desejavam a colaboração de políticos que os revoltosos consideram bons e lamentou-se de se obrigar os soldados à revolta, porque nunca sabem para que vão.

Os militares não formarão governo?

As declarações de Gomes da Costa, acima transcritas do *Diário de Lisboa*, estão em contradição, nalguns pontos, com a seguinte manifestação que os revoltosos fizeram ontem distribuir:

«O movimento triunfante que anteontem se iniciou, é um movimento nacional republicano sem nenhuma característica militar. O Comité revolucionário dá como garantia da verdade a sua honra.

O governo, perdido, irremediavelmente, apela mais uma vez para um jógo infame, a fim de envencenar a opinião pública. Quer continuar a sua obra maldita de negação dos principios republicanos, de latrocínios e de corrupção.

Quer afundar o País em lama, fazendo dele, como até hoje tem feito, chiqueiro imundo onde refecia o partido democrático. Engana-se!

A República é de todos os republicanos honestos. E' assim que nós a queremos, e é por uma República assim que estamos vertendo o nosso sangue.

Daremos ao País um governo que, integrando os altos principios democraticos, saiba dar à República toda a sua pureza. Governo Militar, não!

Outras informações afirmam-nos que, embora dissolvendo o Parlamento, os revoltosos não destituíram o Presidente da República, o que, digamos, não nos parece muito provavel, se bem que os militares declaram não quererem suportar complicações e dificuldades que surgiram no caso de se dar a destituição. Segundo as mesmas informações, o comité revolucionário, que é composto por quatro oficiais e presidido pelo comandante Cabeçadas, assinou um compromisso para que o governo saído da revolução tenha a aprovação das forças de terra e mar e seja constituido por elemen-

tos de todas as correntes que participam no movimento. Para presidir a esse governo está indicado o nome do comandante Mendes Cabeçadas.

As impressões colhidas em Santarém pelo nosso enviado especial

SANTARÉM, 29.—A força de infantaria 7 que anteontem marchara sobre Santarém era constituída por 300 recrutas que se encontravam a receber instrução nas Caldas da Rainha. Saídos do aquartelamento a pretexto dum passeio de instrução, foram no caminho iludidos pelos oficiais que os comandavam que eram revoltosos se assim o entendessem e que seguiam caminho de Rio Maior até Santarém.

Os revoltosos avançavam confiados em promessas de boa recepção da parte dos comandos das unidades de Santarém promessas que lhes foram reiteradas para Rio Maior pelo comandante da G. N. R. de Santarém, coronel Magalhães.

De madrugada, ao encontro dos revoltosos, marcharam uma companhia de infantaria 16, com uma secção de metralhadoras e uma bateria de artilharia, sob o comando do coronel Freira, tendo como subalternos o capitão Mata e Silva e um major da G. N. R. As forças governamentais foram com ordem de não fazer fogo e encontraram-se com os revoltosos num subúrbio de Santarém denominado Quinta do Moinho. Parlamentaram os oficiais dum e outro lado e os de infantaria 7 concluíram pela rendição.

Afastaram-se os oficiais fiéis ao governo e as forças revoltosas em vez de se entregarem retrocederam indo-lhes no encalço uma camioneta com metralhadoras e um automóvel com oficiais.

Em Perófilho os governamentais apanharam os revoltosos, puzeram as metralhadoras em posição de combate e convidaram-nos novamente a renderem-se, no que foram obedecidos. A entrega deu-se pelas 13 horas, recolhendo os soldados do 7.º ad quartel de infantaria 16 e os oficiais que os comandavam ao quartel de artilharia 3, sede do comando militar.

Os revoltosos apresentavam-se estropiados, tendo-se dado entre eles casos de insolação pelo excesso de fadiga, sendo os insolados transportados para a cidade pelos carros da corporação dos Bombeiros Voluntários.

Coimbra encontra-se em poder dos revoltosos. O espirito do povo de Santarém é indifinível na actual conjuntura, podendo-se afirmar que a descrença na acção dos democráticos, que tiveram como seu feudo Santarém, é grande.

Às 15 horas um destacamento de infantaria 16 que se achava em Abrantes a receber instrução de recrutas, entrou na cidade, de baioneta armada, sob o comando do tenente Chianca Maia da G. N. R.

O que nos não disseram os comandantes militares

Procurámos ouvir os comandantes das unidades sobre o movimento.

O comandante militar, coronel Choque, recebeu-nos com um sorriso de comprometido, mas, opoz-nos a barreira insuperável do *Diário do Governo* que insere a lei que proíbe os militares de falarem para a imprensa. Mais felizes não fomos com o coronel Freira, comandante de infantaria 16, e com outras entidades militares que buscámos auscultar.

Não desanimámos. De palavra em palavra, de opinião em opinião isolada, conseguimos conhecer o estado de espirito da guarnição de Santarém, que se define assim: O coronel Choque, que evitou o embate sangrento com infantaria 7, declinou o comando no seu colega Freira.

Da officialidade da guarnição a maioria está com os revoltosos. Os sargentos são fiéis escravos da disciplina, obedientes, segundo afirmam, às ordens dos superiores, mas deixaram-nos a impressão de serem em maioria affectos ao governo.

A alguns ouvimos a afirmação de que ante a expectativa duma efusão de sangue preferem que os metam no presidio. A soldadesca essa é maleável, como sempre...

O desarmamento de artilharia 3, e o mais...

Às 18 horas, depois duma troca de impressões entre os sargentos e a officialidade

Reúne-se hoje o Conselho da C. G. T.

Para analisar a marcha das graves acontecimentos, são convidados a reunir-se hoje, pelas 11 horas, todos os delegados ao Conselho Confederado. A reunião efectuar-se-há na sede da C. G. T.

de artilharia 3, estes resolveram mandar os soldados entregar todo o correio e armamento e tirar os periclitados às peças, deixando apenas um piquete de prevenção.

Berlioz, um telefonista do governo para o comando militar, ordenando o aprestamento de tropas para avançarem sobre o Norte no comboio da noite.

Procuramos comunicar telefonicamente com Lisboa, mas não o conseguimos porque o governo registou as comunicações telefônicas...

Dos revoltosos aprisionados em Santarém, os oficiais afirmam-se dispostos a serem também metidos no presidio com os quatro oficiais ante-ontem detidos, se a estes não for conferida a liberdade; os soldados torcem para serem mandados de regresso a Caldas da Rinha, donde procederam.

Ouvindo o governador civil de Santarém

Quando tentávamos conseguir um telefonista para a capital deparou-se-nos o sr. Mario Forte, governador civil do distrito, a quem abordamos com uma pergunta sobre o movimento. O sr. Mario Forte, muito amavelmente, dispôs-se a conceder-nos uns momentos de atenção no seu gabinete. Ali, repousando numas confortáveis cadeiras forradas de marroquim, dispáramos as perguntas que julgamos mais palpitantes; mas elas foram quebrar contra os melindres da situação do sr. governador, que julga pertencer o momento aos militares.

Entanto cavaleámos sobre a heterogeneidade das correntes da opinião escalpitana, que dá uma irrefutável maioria contra o governo.

Uma pergunta: — Como serão recebidas quaisquer forças que arrisquem uma incursão amigável na cidade, para a tomarem apenas como bom ponto estratégico?

O sr. governador, invocando mais uma vez os melindres do seu cargo, avançou num tom que nos parece revestido de sinceridade:

— Desjaria que não corresse o sangue de irmãos da mesma raça... Sou pacífico por temperamento... Quando do aprisionamento de infantaria 7, solicitei aos civis que acorressem a gozar o ingrato espectáculo que se desviasse a fim de não dar a impressão de um acolhimento hostil...

Insistimos, inextinguíveis, importunos, ante a condescendência do nosso locutor:

— Pode v. ex. informar-nos do que ocorre no seu distrito?

— Da melhor vontade. Tenho aqui telegramas que me asseguram fidelidade ao governo das guarnições militares de Abrantes, Torres Novas e Tomar...

— Apenas essas localidades...

— São os únicos concelhos do distrito de Santarém guarnecidos militarmente.

— Também recebi do meu colega do Porto um telegrama que desmente a notícia de que tenha havido qualquer pronunciamento na capital do Norte e ali se haja instalado o general Gomes da Costa. De Portalegre e Faro recebi idênticas informações telegráficas.

E com um apêto de mão de despedida, mais não disse o chefe do distrito de Santarém.

Momentos passados ao em que nos meyer absoluta asseveramos que chegou do Porto um telegrama que afirma ter o general Gomes da Costa entrado no Porto, estabelecendo ali o seu quartel general.

Encontram-se presos pelas forças do governo em Santarém o capitão de mar e guerra Mendes Cabeçadas, o major Brito Pais, o capitão-tenente Gama Ochôa e o tenente Delagrèze.

As forças de marinha, comandadas pelo capitão de mar e guerra Freitas Ribeiro seguiu de Leiria com outras forças de exército para o Norte, a fim de combater as forças revoltadas.

Também foi mandado seguir um navio de guerra para a Figueira da Foz.

Uma nota oficiosa de "A Seara Nova"

«A Seara Nova nega mais uma vez a sua solidariedade com quaisquer movimentos revolucionários sem preparação doutrinária na opinião pública, sobretudo os que tenham a aparência dum pronunciamento militar, e julga que a situação exige mais do que nunca um governo forte e digno que, ao contrário do presente, satisfaça as aspirações republicanas e inicie a resolução dos problemas nacionais».

Os oficiais da guarnição militar de Lisboa não recebem ordens do Governo

A pesar da sua aparente normalidade Lisboa nestas últimas horas tem vivido uma grande agitação. Além do grande entusiasmo do elemento civil, alguns elementos militares velados e publicamente manifestados a sua simpatia pela o movimento insurreccional.

Ontem falámos com um dos oficiais da guarnição militar de Lisboa que confirmou a nossa asserção. Por serem muito interessantes as suas declarações vamos reproduzi-las para que o leitor conheça o estado de espírito do elemento militar de Lisboa.

— Primeiro do que tudo devo dizer-lhe que a guarnição de Lisboa está disciplinada. Não nos interessam os movimentos políticos porque pertencemos a uma classe e não a um partido político.

— Mas os senhores cumprem as ordens do governo?

— Não, senhor. Isso é um erro em que laboram quasi todos os jornais. Nós não cumprimos as ordens do governo. Reconhecemos apenas como nosso superior legítimo o comandante da Divisão.

E acrescenta:

— Se o governo nos desse ordens directamente nós recusar-nos-íamos a cumpri-las sem confirmação do comando da Divisão.

Depois a conversa derivou para as simpatias que o movimento conta entre a oficialidade de Lisboa. Foi o nosso entrevistado diz-nos:

— Não é novidade para ninguém se afirmar que o movimento conta com as simpatias dos oficiais de Lisboa.

— E porque estão espectantes esses oficiais?

— Porque nesta terra a cobardia moral é o maior obstáculo à realização de um pensamento...

Os planos dos revoltosos

Os planos dos revoltosos dividiam o país em quatro zonas de acção: a do norte, abrangendo a 3.ª, a 6.ª e a 8.ª divisão, confiada ao comando do general Gomes da Costa; a de Santarém, sob o comando do

coronel Magalhães, da guarda republicana, constituída pelas unidades de Castelo Branco, Tancos, Entrancamento, Caldas, etc.; a do centro do país, abrangendo forças de mar, aviação, artilharia, etc., entregues a uma chefia que não conseguimos apurar; e a do Alentejo, igualmente comandada por um oficial, cujo nome se desconhece ainda.

O governo impõe a censura prévia à imprensa

A pesar de todas as afirmativas do sr. Barbosa, governador que é de Lisboa, foi estabelecida a censura aos jornais. Nem ao menos se salvam as aparições com qualquer acto político: o sr. Barbosa, ao servir o sr. António Maria da Silva, tem o critério das polícias a quem dá ordens. Ontem, a Batalha dificilmente se pôde publicar, dado os embargos que as autoridades policiais lhe propunham. O sr. Barbosa estafava-se a gritar que não há censura prévia; porém, a interdição dos jornais sem a antecipada leitura pelo sr. Barbosa, a apreensão e o impedimento da circulação, a intimidação de se não publicar notícias desagradáveis para o governo, tudo isso mostra bem que a imprensa está livre... de comunicar regularmente com o público. O protesto contra a não-censura prévia que faz claros nas colunas veio surgindo: alguns dos jornais lisboetas de grande circulação na provincia deixaram de se publicar, provocando assim uma incerteza perigosa acerca do que se passará em Lisboa.

Notas soltas

A aviação mostra-se favorável ao movimento. Encontram-se em Maíra o major Cifka Duarte e outros aviadores. Os oficiais aviadores capitão Ribeiro da Fonseca e tenente Dias Leite, partiram ontem de Tancos para Santarém, em avião. Não devem ter aterrado em Santarém, onde não há campo.

Há notícias positivas, de que aderiram ao movimento as guarnições de Vila Real, Amarante, Bragança e Lamego. Faltam notícias de Chaves, que se supõe ter aderido também.

A Guarda Republicana do Porto está concentrada em Gaia, havendo razões para supor que não oporá resistência, quando as forças dos revoltosos marcharem sobre Lisboa.

Reuniu-se o comité federal das Juventudes Sindicalistas, que resolveu conservar-se em sessão permanente, atento ao desenrolar dos acontecimentos, aconselhando todos os jovens a velar pela Liberdade e a escutarem todas as indicações da Federação.

Pelas 14 horas de ontem uma força de 10 guardas civis foi à redacção do jornal "A Noite" arrancar os placards que ali se achavam afixados.

Segundo informações de fonte particular, diz-se que a 5.ª Divisão aderira ao movimento.

A politica francesa

As divergências entre radicais-socialistas

PARIS, 29.—Na última sessão da câmara dos deputados dividiram-se os radicais-socialistas, uma parte dos quais pretendia que os seus representantes no ministério se demitissem e outros advogavam a formação dum novo agrupamento, assegurando a unidade de vistas dos votos do partido. (—L.)

Documentos sobre a grande guerra

PARIS, 29.—Segundo se afirma oficialmente, o Ministério dos Negócios Estrangeiros está preparando a publicação dos documentos diplomáticos sobre as origens de vários acontecimentos desenrolados durante a grande guerra, elucidando completamente vários factos e precisando em especial que nenhuma intervenção do presidente Wilson se realizou antes de Dezembro de 1916. (—L.)

A estabilização do franco

PARIS, 29.—Fala-se na vinda a Paris do ministro das Finanças da Bélgica, acompanhado por dois peritos, a fim de estudar com o seu colega francês as medidas necessárias à estabilização do franco. (—L.)

PARIS, 29.—O conselho de ministros desta manhã foi dedicado ao exame da situação política.

Tudo parece indicar estar em via de formação uma maioria parlamentar de concentração, o que explica a agitação dos deputados avançados do antigo «cartel».

O conflito entre liberais ingleses

LONDRES, 29.—A imprensa refere-se largamente ao conflito suscitado entre os sr. Lloyd George e Asquith, chefe do partido liberal, publicando todos os jornais a correspondência trocada. O «Daily Chronicle», órgão do sr. Lloyd George, sublinha em editorial que, durante a greve das minas de carvão, o sr. Asquith escreveu cartas num estilo indicativo da intervenção de estranhos. O «Morning Post» enumera as atitudes do sr. Lloyd George durante a greve geral, referindo-se às censuras feitas pelos sr. Oxford e Asquith e intitulando o artigo: «Ele bem o mereceu».—H.

Assinar "Os Mistérios do Povo"

HOJE E SEMPRE

Maria Vitória

FOOT-BALL

DOMINGO, 6:—«Matinée» do

contra-regra Luís Costa

DESPORTOS TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Foi adiada para domingo próximo a final do Campeonato de Futebol

Por dificuldades sugeridas no facto de os delegados do Norte, à Federação, não concordarem com a realização do encontro em Lisboa, como noticiámos ontem, foi este adiado para o dia 6 de junho, contando-se fazer reunir extraordinariamente o Congresso da Federação, na quarta-feira próxima, fixando-se então definitivamente o local onde se realizará a final.

As dificuldades, que tem sido estranho a este «gachis», tanto se preocupando ele jogar em Lisboa como no Porto, contando que a Federação o determine, está sofrendo um grande encargo com esta demora, havendo já manifestado desejos de que se resolvesse a questão pelo melhor, pois em caso algum aceitará o título máximo, sem que o alcance no campo em disputa com o campeão de Lisboa.

Torneio infantil para a Taça «Alvaro Gaspar»

Estão marcados para hoje os seguintes encontros:

No Campo de Palavã.—Hockey-Bemfica, às 10 horas, arbitro Joaquim Neves de Carvalho; Portugal-Operário, às 11, 30, arbitro Rogério de Sá.

No Campo do Lumiar.—Sporting-Cruz Quebrada, às 10 horas, arbitro António Braz; Império-Belenenses, às 11, 30 horas, arbitro João Frias.

Hipismo

No Jockey Club, hoje, corridas de cavalos

No Campo Grande, realiza-se hoje no vasto hipódromo 5 corridas, entre elas a sensacional prova «Grande prêmio do Jockey-Club», na qual estão inscritos os melhores cavalos e que é dotada com o importante prêmio de 20 contos para o vencedor e prémios consideráveis para os segundos e terceiros classificados.

Esta prova é de 3.000 metros, duas voltas inteiras, e será rijamente disputada, despertando o máximo interesse. Estão inscritos os seguintes cavalos:

«Whitby», «Marquis» e «Ramiane», do sr. Conde de Pinhel. «Esguia», do sr. Conde de Sobral. «Sonora», do sr. Santos Jorge. «Rocher Rouge» e «La Smalah», do sr. J. de Ornelas Matos.

Atletismo

Taça «Gentil dos Santos»

A pedido do clube organizador e com consentimento oficial da F. P. S. A., as corridas de estafetas organizadas pelo Clube Interacional de Foot-Ball para disputa da taça «Gentil dos Santos» e que se deviam realizar hoje, ficam transferidas para 27 de junho.

Torneio Inter-sócios de internacional

As provas, que estão marcadas para as 10 horas de hoje e que servirão de estudo preliminar para a formação da «equipe» concorrente aos campeonatos de «juniores», são as seguintes:

80, 300 e 1000 metros; Saltos em altura; Saltos em extensão; Saltos à vara; Pêso (5 quilos); Disco; Estafetas 5x80.

Os «handicaps» são os estabelecidos nas provas idênticas já realizadas.

A crise no Algarve

Uma nota oficiosa das classes trabalhadoras algarvias

Com o pedido de publicação recebemos a seguinte nota oficiosa:

«As comissões do povo do Algarve, em face da gravidade dos acontecimentos desenrolados no país, não tendo conseguido entrevistar o sr. presidente do ministério, na passada sexta-feira, como estava concertado, resolveu não interromper as suas demarches; e assim hoje, sábado, procurou sua ex.ª nos ministérios do Interior e Guerra, governo civil e quartel do Carmo, infelizmente sem resultado. Mais resolveram avisar-se com sua ex.ª o sr. Presidente da República, tendo sido recebidos na sua ausência pelo secretário geral da presidência sr. comandante Jaime Atlas, a quem foi lida a representação a entregar ao chefe do Governo, ficando aquele senhor de tudo comunicar ao chefe do Estado.

Justo é salientar a forma análoga como as comissões têm sido recebidas em toda a parte principalmente pelo comandante sr. Jaime Atlas, cuja gentileza e interesse manifestados muito sensibilizaram os comissionados algarvios.

Dada a situação desesperada do Algarve que não admite delongas, as comissões do povo do Algarve estão em firme disposição de não abandonar Lisboa sem levar uma resolução definitiva sobre a momentosa questão que as trouxe a Lisboa com tão evidente sacrifício.

Lisboa, 29 de Maio de 1926.—As Comissões.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

E

TERRAS DE FOGO

— DE —

Juliano Quintinilha

2.ª Edição—Escudos 8\$00

A venda em todas as livrarias.—Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

FARINHA PEITORAL LACTEA CENTAZI

A saúde das crianças

A força dos convalescentes

A energia dos velhos

— Procurar nas casas que melhores produtos vendem —

BRINDE

Tudo o consumidor de Farinha lactea NESTLÉ e de Leite condensado «MOÇA» que remeter 20 rótulos de Farinha ou 10 de Leite (dos que vão colados à lata) receberá um magnifico batedor de borracha.

Agente geral: J. ROUSE—Rua da Madalena, 214, 2.º

Na Academia de Amadores de Musica

Eduardo Libório, se não se impuizesse pela sua competência de músico e de musicógrafo de certo quilate, havia fatalmente de ser considerado como um devotado a quem não assumia obstáculos, a quem não movem paixões. O seu nacionalismo musical é tudo quanto há de mais simpático e como não é certamente um nacionalismo que possa ter aspectos políticos, agrade-nos incondicionalmente.

A sua ligeira prelecção do concerto de ontem, aparte uma ou outra afirmação que pode dar-nos a sugestão de tendências políticas, mas que é afinal o reflexo do amor que dedica à sua arte, é qualquer coisa de interessante e que se fixa pelo bom senso e pela boa vontade.

A sua causerie, correspondente inteiramente a parte musical em que se compreendiam trechos de Rey Colaco, de Antonieta de Lima Cruz, Pinto Tóres, Viana da Mota, Oscar da Silva e Tomaz Borba.

Foi brilhante a execução dada por D. Cecília Borba, Fernando Botelho Leitão, Pinto Tóres, D. Arminda Correia, D. Isabel Manso, D. Beatriz Soares, Sousa Lopes.

A Academia de Amadores de Música está desempenhando na sociedade portuguesa, um interessante papel educativo, graças à tenacidade e competência dos seus dirigentes.

Nogueira de BRITO

Reclames

E' hoje o 1.º domingo em que se representa no Apolo, a tragédia «Otelô», peça de reputação mundial.

—A temporada de verão no Ginásio, inaugura-se depois de amanhã, terça-feira, com a hilariante comédia «O célebre Pina» desempenhada por vários artistas que, na sua maioria, já nessa peça tomaram parte, voltando aos papéis que interpretaram há anos, quando a referida peça foi a scena, com enormíssimo êxito. Na temporada de verão, no Ginásio, os preços dos bilhetes tem um considerável abatimento.

—Quem estiver livre ao domingo e faltar hoje ao Ginásio ficará sem ver a encantadora peça «O Rosário», que amanhã se desdobra, seguindo a companhia para o norte na terça-feira.

As eleições no norte da Grã Bretanha

LONDRES, 29.—São conhecidos os resultados da eleição pelo norte de Hameremith.

O sr. Gardner, trabalhista, foi eleito por 13995 votos, contra 9484 obtidos pelo candidato conservador Gluckstun e 1974 do liberal Murlife.

Gardner foi derrotado nas eleições de 1924 pelo candidato conservador, o capitão Ashmead Bartlett, que resignou recentemente ao seu mandato.

O actual resultado é inverso do da eleição de 1924, em virtude da grande campanha feita a favor dos mineiros, que contaram assim na câmara dos comuns mais um voto que lhes seja favorável. (—L.)

Um incêndio trágico

MOSCOU, 29.—Rebentou um violento incêndio em Koltchnitsk, causando prejuízos avaliados em doze milhões de rublos. Foram encontrados já sete cadáveres; os desaparecidos são numerosos, e todos os edifícios públicos foram destruídos.

O incêndio na fábrica de automóveis «Renault»

PARIS, 28.—O incêndio na fábrica Renault ficou dominado às 15 horas. O inquérito feito sobre o desastre demonstrou que o incêndio foi puramente acidental.

Conferência Internacional do Trabalho

GENEVA, 29.—Reuniu-se hoje em sessão plenária a Conferência Internacional do Trabalho.

Tudo o dia foi ocupado por reuniões das diversas comissões, tendo início na segunda-feira o debate geral sobre o relatório anual do director da Repartição Internacional de Trabalho, sobre a actividade daquele organismo durante o ano findo.

Morreu um especialista de doenças tropicais

LONDRES, 29.—Faleceu Sir James Cantlie, notável médico-cirurgião, especializado em doenças tropicais.

Sir James Cantlie desempenhou um importante papel em 1896, obtendo a libertação de Sun-Yat-Sen, «leader» revolucionário chinês, que agentes da embaixada da China em Londres haviam raptado para o enviar secretamente para a China a bordo dum navio da mesma nacionalidade. (—L.)

Ocorrências diversas

No Banco do Hospital de S. José, foram pensados e recolheram depois a casa: António Nunes Pereira, de 33 anos, natural de Arganil, descarregador, residente na travessa da Palma de Cima, 3, 1.º, que caiu de uma camionete no Intendente, ficando ferido na cabeça.

—Manuel Afonso Neto, de 65 anos, rua das Farinhas, 3, que no Rocio foi colhido por um automóvel, ficando ferido na cabeça.

—Adolfo Venancio, de 29 anos, residente na Quinta do Fole (Sacavem) e que, na rua da Praça da Figueira, foi colhido pela carreta de que era condutor, ficando ferido na cabeça.

—Na enfermaria n.º 2 do Hospital Estefânia deu entrada, Maria de Jesus, de 23 anos, peixeira, natural de Aveiro residente na Quinta das Galinheiras, 11, 1.º, que caiu da janela da residência à rua, ficando com várias contusões pelo corpo e pernas.

—No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, foram pensados: João Peres, de 50 anos, natural de Alvares, descarregador, Beco do Azinhal, 3, 1.º, que caiu a bordo de um vapor inglês, fundeado em frente de Cacilhas, ficando ferido na cabeça e contuso pelo corpo; Joaquim Rodrigues, de 32 anos, estivador, natural de Lisboa, travessa do Giestal, 4, loja, que caiu ao porão do vapor «Angola», fundeado em Santa Apolonia, ficando muito contuso pelo corpo; Raul dos Santos Gomes, de 34 anos, natural de Lisboa, estivador, residente no Caminho de Baixo da Penha, vila Maria, 43, que, a bordo de um vapor fundeado no Tejo, foi colhido por um fardo de cortiça, ficando ferido na cabeça e contuso pelo corpo. Recolheram depois, respectivamente, à Sala de Observações do Hospital de S. José, enfermaria de Santo Onofre e S. Fernando, do Desterro.

—Da Casa Mortuária do Hospital de S. José, foi removida para a Morgue, onde se efectuou a sua autopsia, o cadáver de Maria Felicitíssima Vargas, aquela mulher que, no incêndio na rua de Alcantara, 31, onde residia, ficou muito queimada, num incêndio que há dias ali se manifestou, como então noticiámos. O seu funeral realizou-se ontem sendo o feretro transportado para a igreja de Alcantara, de onde, pelas 15 horas, saiu para o cemitério da Ajuda.

—A Casa Mortuária do Hospital de S. José, foi removida para a Morgue, onde se efectuou a sua autopsia, o cadáver de Maria Felicitíssima Vargas, aquela mulher que, no incêndio na rua de Alcantara, 31, onde residia, ficou muito queimada, num incêndio que há dias ali se manifestou, como então noticiámos. O seu funeral realizou-se ontem sendo o feretro transportado para a igreja de Alcantara, de onde, pelas 15 horas, saiu para o cemitério da Ajuda.

—A Casa Mortuária do Hospital de S. José, foi removida para a Morgue, onde se efectuou a sua autopsia, o cadáver de Maria Felicitíssima Vargas, aquela mulher que, no incêndio na rua de Alcantara, 31, onde residia, ficou muito queimada, num incêndio que há dias ali se manifestou, como então noticiámos. O seu funeral realizou-se ontem sendo o feretro transportado para a igreja de Alcantara, de onde, pelas 15 horas, saiu para o cemitério da Ajuda.

—A Casa Mortuária do Hospital de S. José, foi removida para a Morgue, onde se efectuou a sua autopsia, o cadáver de Maria Felicitíssima Vargas, aquela mulher que, no incêndio na rua de Alcantara, 31, onde residia, ficou muito queimada, num incêndio que há dias ali se manifestou, como então noticiámos. O seu funeral realizou-se ontem sendo o feretro transportado para a igreja de Alcantara, de onde, pelas 15 horas, saiu para o cemitério da Ajuda.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa.—A «Batalha» recebeu telegramas do ministro de Portugal em Madrid e da Federação Regional do Centro, com sede na mesma cidade, informando que a selecção madrilena virá a Lisboa, no dia 13 do próximo mês de junho, jogar uma partida de futebol com a selecção de Lisboa, a favor do coíre daquela colectividade. A selecção madrilena será composta de jogadores dos Clubs Atlético, Ginecista, Racing e Union. Amanhã, às 17 horas, realiza-se, na sede da Caixa de Previdência, na rua do Loreto, 13, 2.º, uma reunião dos jornalistas desportivos de Lisboa, a fim de se tratar da recepção aos jogadores de Madrid e da organização da propaganda do jogo. A direcção daquele organismo roga aos jornalistas desportivos o favor da sua companhia. O «team» madrileno parte para Lisboa no dia 11.

—A selecção madrilena virá a Lisboa, no dia 13 do próximo mês de junho, jogar uma partida de futebol com a selecção de Lisboa, a favor do coíre daquela colectividade. A selecção madrilena será composta de jogadores dos Clubs Atlético, Ginecista, Racing e Union. Amanhã, às 17 horas, realiza-se, na sede da Caixa de Previdência, na rua do Loreto, 13, 2.º, uma reunião dos jornalistas desportivos de Lisboa, a fim de se tratar da recepção aos jogadores de Madrid e da organização da propaganda do jogo. A direcção daquele organismo roga aos jornalistas desportivos o favor da sua companhia. O «team» madrileno parte para Lisboa no dia 11.

—A selecção madrilena virá a Lisboa, no dia 13 do próximo mês de junho, jogar uma partida de futebol com a selecção de Lisboa, a favor do coíre daquela colectividade. A selecção madrilena será composta de jogadores dos Clubs Atlético, Ginecista, Racing e Union. Amanhã, às 17 horas, realiza-se, na sede da Caixa de Previdência, na rua do Loreto, 13, 2.º, uma reunião dos jornalistas desportivos de Lisboa, a fim de se tratar da recepção aos jogadores de Madrid e da organização da propaganda do jogo. A direcção daquele organismo roga aos jornalistas desportivos o favor da sua companhia. O «team» madrileno parte para Lisboa no dia 11.

—A selecção madrilena virá a Lisboa, no dia 13 do próximo mês de junho, jogar uma partida de futebol com a selecção de Lisboa, a favor do coíre daquela colectividade. A selecção madrilena será composta de jogadores dos Clubs Atlético, Ginecista, Racing e Union. Amanhã, às 17 horas, realiza-se, na sede da Caixa de Previdência, na rua do Loreto, 13, 2.º, uma reunião dos jornalistas desportivos de Lisboa, a fim de se tratar da recepção aos jogadores de Madrid e da organização da propaganda do jogo. A direcção daquele organismo roga aos jornalistas desportivos o favor da sua companhia. O «team» madrileno parte para Lisboa no dia 11.

—A selecção madrilena virá a Lisboa, no dia 13 do próximo mês de junho, jogar uma partida de futebol com a selecção de Lisboa, a favor do coíre daquela colectividade. A selecção madrilena será composta de jogadores dos Clubs Atlético, Ginecista, Racing e Union. Amanhã, às 17 horas, realiza-se, na sede da Caixa de Previdência, na rua do Loreto, 13, 2.º, uma reunião dos jornalistas desportivos de Lisboa, a fim de se tratar da recepção aos jogadores de Madrid e da organização da propaganda do jogo. A direcção daquele organismo roga aos jornalistas desportivos o favor da sua companhia. O «team» madrileno parte para Lisboa no dia 11.

—A selecção madrilena virá a Lisboa, no dia 13 do próximo mês de junho, jogar uma partida de futebol com a selecção de Lisboa, a favor do coíre daquela colectividade. A selecção madrilena será composta de jogadores dos Clubs Atlético, Ginecista, Racing e Union. Amanhã, às 17 horas, realiza-se, na sede da Caixa de Previdência, na rua do Loreto, 13, 2.º, uma reunião dos jornalistas desportivos de Lisboa, a fim de se tratar da recepção aos jogadores de Madrid e da organização da propaganda do jogo. A direcção daquele organismo roga aos jornalistas desportivos o favor da sua companhia. O «team» madrileno parte para Lisboa no dia 11.

—A selecção madrilena virá a Lisboa, no dia 13 do próximo mês de junho, jogar uma partida de futebol com a selecção de Lisboa, a favor do coíre daquela colectividade. A selecção madrilena será composta de jogadores dos Clubs Atlético, Ginecista, Racing e Union. Amanhã, às 17 horas, realiza-se, na sede da Caixa de Previdência, na rua do Loreto, 13, 2.º, uma reunião dos jornalistas desportivos de Lisboa, a fim de se tratar da recepção aos jogadores de

'A Batalha' na provincia e arredoras

Portimão

Um gerente modelo que merece uma recompensa

PORTIMÃO, 27.—Os desastres e acidentes de trabalho nesta cidade sucedem-se numa vertigem assustadora. Raro é o mês que não tenhamos de registar mais um caso, que não tenhamos de nos referir a situação de mais um desgraçado a quem um desastre inutilizou parcial ou totalmente.

Agora mais um acidente ocorreu numa das fábricas do sr. Fialho de que é gerente um sr. Calado, criatura pouco escrupulosa e para quem a sorte dos desgraçados não merece consideração. Narremos o caso:

No dia 17 de Maio, o operário Joaquim Lami, de 19 anos, quando trabalhava na litografia (secção de lata vazia) numa rebarba de lata que o cortante tinha acabado de cortar, pichou-se no dedo mínimo de que resultou impossibilidade de trabalhar.

Do abrigo da lei dos acidentes o Lami dirigiu-se ao encarregado de lata vazia sr. José Caetano que por sua vez o remeteu para o gerente sr. Calado. Este, ao contrário do que se esperava, entregou ao Lami um bilhete com o qual o referido sinistro se dirigiria a um médico que o trataria.

Até aqui ainda a coisa está bem. O pior é que o Calado declarou ao Lami que ele nada receberia enquanto não trabalhasse.

Esta declaração levou o Lami a um acto de desespero: pegou o bilhete e protestou contra a inútil determinação.

Agora um outro caso, ocorrido também nas fábricas do sr. Fialho.

Em 19-8, quando procedia à reparação de uma calceira na fábrica de Ferragudo, o operário Lázaro foi vítima de um desastre do qual resultou uma melindrosa operação em Lisboa. Como os seus padecimentos se agravassem o Lázaro há pouco tempo dirigiu-se a um médico que lhe declarou ser incurável a enfermidade.

Pois este operário foi há tempos despedido pelo sr. Calado pelo grande crime de estar doente. E nesta situação se encontra aquele operário recebendo 3500 por dia.

Há ainda uma outra vítima: o operário Almeida, rapaz de 18 anos, a quem o sr. Calado despediu pagando-lhe o irrisório salário de 20 centavos por dia. E ganhando esta ridícula ainda hoje estadia o Almeida se num momento de indignação se não tivesse dirigido ao encarregado José Caetano exigindo-lhe uma melhor situação, que lhe foi proporcionada.

Já se reclamou ao administrador do conselho providências, mas elas tardam como tardam todas as medidas que não interessam aos nossos exploradores.—E.

Nazaré

Uma sessão ruidosa e tumultuosa na Câmara Municipal

NAZARÉ, 23.—Ao iniciar a minha correspondência não quero deixar de saudar a Batalha, órgão defensor dos explorados saudando ao mesmo tempo o operariado português.

Não contava principiar por um assunto que pouco interesse tem para os operários, mas como é ele um sintoma bem frisante da má organização dos poderes públicos e patenteia bem claro o critério de quasi todos aqueles que dirigem o nosso tão escravizado país, não fujo ao desejo que sinto de tornar público o meu não pela cena que hoje se passou dentro da sala da Câmara e que é nem mais nem menos do que segunda edição correcta e aumentada, embora tivesse sido o que de mais incorrecto se pode imaginar, do que se tem passado.

Foi o caso de uma sessão decorrida sempre no meio de grande discussão, e após ela encerrada o chefe da secretaria, que em mais duma sessão tinha sido visado e acusado por um vereador de ter feito algumas omissões nas actas, se considerou ofendido, tendo resolvido falar «às massas» e explicar os motivos que levaram o referido vereador a acusá-lo dizendo mesmo que esse senhor mentia como um cachorro, indo logo a vias de facto, puxando-se por pistolas e armando-se grande bazar que terminou sem nenhum ser preso; mas para isso foi necessário a assistência intervir a pôr fim ao conflito.



Do estatuto confederal

CAPITULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º—A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º—O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, e a elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º—Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado para a luta pelo desaparecimento do salarizado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º—Manter as mais estreitas relações de solidariedade com os Centros dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo a sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 53.6 de 7 de Maio de 1933 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 50.

Aos sindicatos que desejam adquirir quantidades de 50 ou mais folhetos de 50 p. cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA

ASSIM Os mistérios do Povo

AGENDA

CALENDARIO DE MAIO

	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	12	19	26	Aparece às 5,15
Q.	13	20	27	Desaparece às 19,53
S.	14	21	28	FASES DA LUNAR
S.	15	22	29	1.ª C. dia 27 às 11,40
S.	16	23	30	Q.M. 2.ª C. dia 27 às 11,40
S.	17	24	31	Q.C. 3.ª C. dia 27 às 11,40
S.	18	25		Q.C. 4.ª C. dia 27 às 11,40

MARES DE HOJE

Fraimpar às 3,59 e às 4,20
Fraimpar às 9,29 e às 9,50

ESPECTACULOS

THEATROS

Nacional—A's 21—«L'Apollon», o bom rapaz.
São Luís—A's 21, 26—«A Princesa dos Dollars».
Ginásio—A's 21, 26—«O Resoluto».
Doliteima—A's 21—«Vandades».
Apolo—A's 21, 26—«Orel».
Trindade—A's 21, 26—«Wu Li-Chang».
Clon—A's 20, 25 e 22, 27—«Fox Trot».
Coliseu dos Recreios—A's 21—«Luta».
Alameda—A's 21, 26—«O Pão de Ló».
Maria Victoria—A's 20, 26, 27, 28—«Foot-Ball».
Estádio—A's 21—«Vandades».
Joaquim de Almeida—A's 21—«Vandades».
Cinema 111/Vinte e Quatro—Especialidades às 3, 7, 11, 15, 19 e 23 horas com «Emblemas».

LEZENDAS

Lezenda Parage—Todas as noites. Concertos: di. versos.

CINEMAS

Teatro—Olympia—Central—Condes—Chiado Ter. 1934—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança
1.º e 2.º—Cine Paris.

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresión capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o retrato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1800 pelo correio, registado, 1934.

Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.º—La era de la esclavitud;
- 2.º—La rebelión de Esparta;
- 3.º—Abolición de la esclavitud;
- 4.º—Abolición y Servidumbre;
- 5.º—La revolución de los siervos;
- 6.º—La miseria de los agricultores;
- 7.º—Transformación del Poder Feudal;
- 8.º—El comunismo cristiano;
- 9.º—Lomias seriales en la Edad Media.

Edições de «A Sementeira»

Práticas neo-malthusianas.....	\$50
O sentido em que somos anarquistas.....	\$30
A peste religiosa.....	\$40
A Liberdade.....	\$50
A Internacional (música e letra).....	\$30

Pedidos à A BATALHA
ou no Cais do Sodré, 83

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada *Pignation*, de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Assembleia Geral Ordinária dos Srs. Accionistas

Nos termos do Art.º 31.º e 32.º, dos Estatutos desta Companhia, aprovados por Alvará de 30 de Novembro de 1894, é convocada a Assembleia Geral Ordinária dos Srs. Accionistas, possuidores de 100 ou mais Accções, segundo os preceitos do Art.º 28.º dos mesmos Estatutos, para se reunir em Lisboa, na sede social, no dia 26 de Junho próximo futuro, pelas 14 horas.

ORDEN DO DIA

- 1.º—Conhecimento das contas respectivas ao Exercício de 1925, do Relatório do Conselho de Administração, do Parecer do Conselho Fiscal e votação sobre essas contas.
- 2.º—Apreciação de quaisquer propostas dos Srs. Accionistas, apresentadas segundo os preceitos do Art.º 33.º dos Estatutos.
- 3.º—Eleição de um Vogal do Conselho de Administração, nos termos do Art.º 13.º dos mesmos Estatutos; podendo haver reeleição, segundo o referido Artigo.
- 4.º—Eleição de dois vogais do Conselho Fiscal, nos termos do Art.º 24.º dos ditos Estatutos; podendo haver reeleição, segundo o referido Artigo.
- 5.º—Eleição do Presidente e do Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral que tem de funcionar no respectivo triénio, nos termos do Art.º 35.º dos mencionados Estatutos.

Para os Srs. Accionistas poderem tomar parte nesta assembleia, devem as acções nominativas ter sido averbadas até ao dia 26 de Maio corrente, inclusive, e as acções ao portador ter sido depositadas até ao meio dia do dia 11 do mês de Junho próximo futuro.

Em Lisboa: Na sede da Companhia; no Banco de Portugal; no Banco Commercial de Lisboa; no Banco Lisboa e Açores; no Banco Nacional Ultramarino; no Monte-Pio Geral; no Credit Franco-Portuguez; e na Casa Bancária Fonseca, Santos & Viana.

No Porto: Na Filial do Banco Nacional Ultramarino.

Em Paris—Nas caixas do Comptoir National d'Escompte de Paris; do Crédit Industriel et Commercial; da Société Générale Industrielle et Commerciale; da Société Générale pour favoriser le développement du Commerce et de l'Industrie en France; da Banque de Paris et des Pays-Bas; e do Banco Nacional Ultramarino.

Os documentos legais estarão patentes no Serviço de Contabilidade Central da Companhia desde 11 do mês de Junho próximo futuro.

Os bilhetes de admissão à Assembleia Geral serão passados pela Comissão Executiva da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depósitos das acções ao portador.

A assembleia constituir-se-á e poderá validamente deliberar nos termos dos artigos 32.º, 33.º, 36.º, 37.º e 39.º dos Estatutos.

Lisboa, 26 de Maio de 1926.—O vice-presidente da Mesa da Assembleia Geral, Carlos Ary Gonçalves dos Santos.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A

TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 55 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSAIS pagas enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA

Sociedade Anónima IMPORTANTE: Mediante um ligeiro sobre-prémio, A MUNDIAL por-vos-há ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

FERRAGENS E FERRAMENTAS

CUTELARIAS E TALHERES

LOUÇA ESMALTADA

GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS

REDE E PREGARIA

Telefone C. 2890

VIANA, REIS & NUNES, L.

Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralheiros, etc., etc.

FOLES, VENTONINHAS, ENGENHOS DE FURAR, LIMAS, BROCAS E MANDRIS

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33—LISBOA

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSÍVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisboense de Chauffeurs PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis «Citroën» (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528
Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

PAPELARIA

VIÚVA MARQUES

(Viúva de Manuel da Costa Marques & C.ª, Limit.ª)

Variadíssimo sortimento de artigos para escritório

Telefone: C. 2676 Rua do Ouro, 36—Lisboa

PO RODRIGUES

O MAIS EFICAZ DESTRUÍDO DE BARATA, PULGÃO, FORMIGA, PERCEJEIRO, ETC.

Unicos depositários em Portugal: Salvador Barata, Limit.ª (Fabricantes das almofadas marca ONIVOTA) 19 A—R. das Gaivotas—19 C LISBOA

Telefone T. 546

A' venda em todas as drogarias, mercearias e lojas de ferragens

Agente único: JOSÉ GOES FERREIRA FUNCHAL

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. L. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arknoel. Preço 1\$50.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações. Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma coleção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de A Batalha. Aquela camarada fixou o preço de 1\$500.

Algum camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA. Publicação mensal

Redacção e administração—*Empresa Literária Fluminense, Limit.ª*—R. dos Retozeiros, 125—LISBOA.

A' venda na administração de A Batalha.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Máximo Domingues, 6\$00.

A' venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença Portuguesa», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa

ATENÇÃO!...

Vendas ao preço do fabricante

Chapeus de Feltro para homem, a 22\$00 Esc.
Chapeus de Palha da Moda, deste ano, a 24\$00 Esc.
Guarda-sóis para homem e senhora a 22\$00 Esc. e mais artigos patentes ao público

Visita a Chapelaria e Sapataria

— DE —

A Progresso

Tasé Inácio da Silva J.º

16, RUA DE SANTOS-O-VELHO, 18 (A Calçada Marques de Fátima)

onde V. S.ª encontrará um grande e variado sortimento de Chapeus, Bonets, Guarda-sóis e Calçado, assim como concerta e faz por medida Chapeus e Bonets a preços sem competência.

Também se limpam Chapeus de Palha

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

Livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

TUDO AOS MONTES

ALFREDO CLAVIER

VENDE-SE: ESTAMPILHA FUMAR, APPLICAR ANINHOS, RUA NESTA PROPRIEDADE, LOPES VIEIRA, 25

VENDE-SE: MODAS, LETRAS ESMALTADAS

VENDE-SE: TESSOURARIA OFICIAIS, REGISTRO CIVIL

Pórtio, Coimbra, Braga, Algarve, Alentejo, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda, Moçambique, Congo, Guiné, etc. Não tem agentes a casa

FREIRE, NEM QUERE, VENDER DIRETAMENTE

aos frequentes pelos preços 10 U. MAIS BARATO que o que os agentes levam e mais. FAÇAM seus pedidos directos para serem bem servidos e rápidos à GRANDE FARMACIA onde se fazem essas lindas CHAPAS e que curam para sempre e levas esmaltadas para ruas, estabelecimentos, etc., emblemas lindos e baratos para Sports, clubes, medalhas para corridas (tênis de Barba), Gilets mais baratos. Estojos de metal branco com máquinas e lâminas Gilets 5\$00. Navalhas, máquinas para cortar cabelo, máquinas de 4 rolos para as afiar. Tesouros finos superiores a 1\$00 que outros vendem a 2\$00 e cunetas de prata permanente com pena de ouro a 4\$00, que os outros vendem pelo dobro, canivetes, CARIMBOS, numeradores a tinta, a repetir o número até 12 vezes, ditos para chaves a plicar o número e com data, selos em branco para as Justas Paroquiais, câmaras e repartições, sinetes para lares e roupa, etc., alfinetes de seixar, moedas e agulhas, sinetes de metal para sardinha, fichas de metal para jóia, cafés, fabricas, etc. Esses lindos acelas a Freire, em aço e ouro com bronzes e monogramas, cunhos importados de Portugal, chapas e leiras para marcar canivetes e preços, lâmpadas e instalações eléctricas, isqueiros e pedras, etc., etc. ÚNICA na Europa completa.—A. L. Freire, 193 a 194, R. do Ouro.—Telef. 3856 C.—Pecam à cobrança para tudo lhe se remeter.

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00. Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA
R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

Milhares de curas

SE DEVEM AO HERPETOL

Unicoremedo eficaz para as doenças da PELE

Esta doença tão terrível por uma forte comedição. Depois de ter usado várias pomadas e outros remédios que aos pais aconselhavam, resolveram consultar o médico; o qual recebeu um frasco de HERPETOL.

pele, que tinha a aparência escamosa muito irritada, formando a criança a um permanente coçar, logo as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se sensivelmente aliviada, e antes de terminado um frasco todas as manifestações haviam desaparecido.

E' recomendado em todos os casos de eczema humido e seco, manchas, erupções, espinhas e mordeduras de insectos.

A' venda em todas as farmácias e R. da Prata, 37, Lisboa, e na R. das Flores, 153, Pórtio.

PRODUTOS ZEDOL

Enviam-se catálogos grátis, ocultos

Pílulas virilogenas, o melhor preparado para a fraqueza genital.

Pílulas Hemofílicas, regularizador das menstruações.

Ovarifina, o melhor preparado para as dores que acompanham a menstruação, de efeitos garantidos.

Pedidos ao depositário ANTONIO SILVA Calçada de Santo André, 16

Desejam vender ou comprar ouro, prata ou joias?

Preferim as ourivesarias da firma

Morais & Gama

Rua da Betesga, 16

— E —

Ourivesaria da Estefânia

na Rua Pascoal de Melo, 132 onde, por preços com que ninguém pode competir, poderão comprar ou vender nas melhores condições de garantia.

Empresa de Trens de Aluguer da Graça

Rua de São Gens (à Graça) Telefone Norte 2042

Esta Empresa participa aos seus estimáveis clientes que, a partir do dia 1 de Abril, reduziu os seus preços, estabelecendo a tabela seguinte:

As duas primeiras horas 25\$00
Cada hora a mais..... 10\$00

Serviços de TEATRO, levar e buscar..... 15\$00

Serviços para fora de Lisboa preços convencionais.

FABRICA

diademas, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19 — TELEF. C. 1244—LISBOA—

Espanhol sem mestre

Por Gonçalves Pereira. Compra-se um exemplar desta obra. Quem tiver e queira vender, indique preço e a direcção para esta administração, às iniciais R. C.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Naciso—A's 5 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às 5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Raios X—Dr. Aleu Saldanha—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

Policlínica da Estrela

Rua Domingos Sequeira, J. M. re—Lisboa

TELEFONE TRINDADE-02

Doença dos rins e vias urinárias, às 10,30 horas—Dr. Antunes Prior.

Clínica cirúrgica—Operações, às 16,30 horas—Dr. Bastos Gonçalves.

Ouvidos, nariz e garganta, às 9,30 horas—Dr. Carlos Larroude.

Sífilis e doenças venéreas às 11 horas—Dr. Carmo dos Santos.

Clínica médica, coração e pulmões, às 16 horas—Dr. Drummond Borges.

D. das grávidas, puerperas, útero e anexos—Doenças das crianças, às 12 horas—Dr. José Bonito.

Estômago, fígado e intestinos—D. da nutrição (diabete), zoz, obesidade, às 14 h.—Dr. Luis Quintela.

Clínica geral às 14 h.—Dr. Manuel d'Assumpção.

Doença da pele e venerologia, às 15,30 horas—Dr. Caeiro Carrasco.

Análises clínicas—Vacinas, às 15 horas—Dr. Marques Mançães.

Doenças dos olhos, às 9,30 h.—Dr. Sertório Sena.

Doenças da boca e dentes—Prótese, 12,30 horas—Dr. Virgílio Xavier.

Raios X—Radio-terapia, às 16 horas—Dr. Aleu Saldanha Cruz.

D. Nervosas e Mentais—Electroterapia, às 16 h.—Dr. Luis Pacheco.

Oncologia—Massagem—Ginástica médica, às 15 horas—Dr. Salazar Carreira.

POLICLINICA POPULAR

RUA MORAIS SOARES, 114 (Telefone, 5460-Norte)

Cirurgia, operações, às 15 horas—Dr. Abe da Cunha.

Estômago, intestinos e fígado. Clínica geral, às 11 horas—Dr. Eduardo Neves.

Coração e pulmões. Clínica médica, às 15 horas—Dr. Leão da Silva.

Boca e dentes, desde as 9 horas—Dr. Domingos Pereira.

Doenças das crianças, às 12 horas—Dr. Fuz de Matos.

Doenças da nutrição. Clínica Geral, às 16,30 horas—Dr. Camezuli Ferreira.

Doenças dos olhos, às 14 horas—Dr. Caetano S. Oliveira.

Pele e sífilis, às 11 horas—Oliveira Feijão.

Doenças das senhoras, às 17,30 horas—Dr. Isabel Pereira.

Garganta, nariz e ouvidos, às 10,30 horas—Gomes Coelho.

Rins e vias urinárias, às 12,30 horas—Dr. H. de Fontoura Madureira.

Raios X—Dr. Aleu Saldanha.

ANÁLISES CLÍNICAS VACINAS

PEDRAS «METAL AUER»

PARA ISQUEIROS

VENDEM-SE NO LATA, DO LARGO DO CONDE BARÃO, 65

Duzia \$40; 100, 2\$80; mil, 25\$00

Pedra grande, duzia, \$80

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 3\$40

Sapatos em verniz 2\$60

Botas pretas (grande salto) 4\$60

Botas brancas (salto) 2\$80

Grande salto de botas pretas 4\$60

Botas de couro para homem 4\$60

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa de sapatos.

Ver bem, pois só lá encontra bom a batata. A Social Operária e na rua dos Cavaleiros, 12-24, com Filial na mesma rua, n.º 41.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande fábrica de propagandas tem direito a este nome e a estas lindas joias costumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas nacionais são feitas em Portugal.

de batatas «APRIMORADAS» e «NACIONAIS»

Maria José Ribeiro, Lda., rivaliza em preço e qualidade com as melhores limas do mundo.

Experimentem, pois, as nossas limas que encontram a venda em todos os pontos situados em centros de ferragem do país.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelleiros

Grande sortimento em chapéus, listos e mechas em cores lindíssimas, formados dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Especialidade em chapéus de seda

FLAMÃO

Chapéu mole, novo modelo americano muito elegante, só na A SOCIAL

Cooperativa Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

— ESTABELECIMENTOS —

Séde:—31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal:—Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal:—Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal:—Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56 52

FABRICA DE BONETS —Chapéu modelo jaurés (Exclusivo)

FABRICA

diademas, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19 — TELEF. C. 1244—LISBOA—

Espanhol sem mestre

Por Gonçalves Pereira. Compra-se um exemplar desta obra. Quem tiver e queira vender, indique preço e a direcção para esta administração, às iniciais R. C.



REVOLVENDO O MONTURO

Nas oficinas do forte de Monsanto, mais ainda
que nos trabalhos agrícolas, se exerce
o roubo às claras

Falar das cadeias de Lisboa é falar do maior e mais perigoso cancro social. Por a nós todos os escândalos, as infâmias de toda a ordem é tarefa bem difícil, porque é um súdrio interminável. Nas secretarias das cadeias e em todos os recantos das prisões se albergam escândalos e se ocultam crimes abomináveis.

De tudo os nossos leitores terão conhecimento dentro em breve. Temos ativez de carácter e o punho absolutamente livre para, mesmo dentro das grades deste nojento ergástulo, arremessar à luz da publicidade aquilo que muitos que se rotulam bons republicanos pretendem ocultar ao conhecimento do público.

Mas por hoje limitamo-nos a pôr diante dos olhos dos que nos lêem o escandaloso roubo de que são vítimas todos os que se dedicam ao trabalho nos vários ofícios que no Forte têm os seus roedores, empreiteiros que exploram, melhor, que roubam, descaradamente o trabalho dos reclusos. Valem-se da situação dos presos que preferem trabalhar quasi de graça a permanecer dentro das prisões, valem-se da própria disciplina da cadeia, para manter um regime de verdadeira escravidão. E para isso contribuem também—porque não dizê-lo—a incoerência dos presos, o abandono deles próprios. Geralmente, os frequentadores das cadeias não têm a verdadeira dignidade de bons artistas, salvo raras excepções. Quasi nenhuns completam a aprendizagem, absorvidos por um viver degradante em que afogaram as primeiras alegrias da juventude. A vida das prisões, por si, também, esgarça os últimos restos de dignidade que ficam do ser homem. E o resultado é este: os presos vivem o regime de trabalho—os poucos que trabalham—imposto pelo chicote da escravidão africana aos homens das selvas. E no entanto, esta bárbara situação podia modificar-se sensivelmente, se os presos tivessem dignidade profissional. A greve dentro da cadeia daria os mesmos resultados que nas oficinas particulares, tendo ainda mais probabilidades de triunfo. Não sucede assim pelas razões já expostas, e os presos continuam assim a fazer uma concorrência desastrosa para os operários livres.

Ainda há pouco os fabricantes de calçado se declararam em greve exigindo do empreiteiro a ferramenta e materiais—fio, sedas e prego, visto a miséria que lhes é dada como salário não lhes permitir trabalhar de outro modo. Parece que, sendo isto que os presos reclamavam uma cláusula descrita no caderno de encargos do respectivo empreiteiro, seria fácil aos presos impor o seu cumprimento. Pois tal não sucede. Os presos no fim de poucos dias de greve, foram trabalhar nas mesmas condições, ficando de fora apenas alguns mais ciosos da sua competência que não quiseram sofrer o vexame, preferindo antes permanecer na prisão.

Temos dito algumas vezes que sobre os infelizes que trabalham em Monsanto é exercida uma infame exploração, e os que têm a infame supor que pretendem os somente armar ao efeito, se não fossem os números que no artigo anterior se demos a conhecer.

É hoje mais números vamos dar à publicidade, em abono das nossas afirmações. A eloquência dos números é superior à eloquência das frases. Os leitores de A Batalha vão saber quanto ganham os pobres cativos que há pouco exigiram do empreiteiro a ferramenta e todos os materiais. Esses infelizes trabalham e ganham pela seguinte:

Tabela da oficina da sapataria
(Sandálias)

Números	Preços 1.º oficial	Preços 2.º oficial
16 a 21	2540	2800
22 a 27	2570	2830
28 a 33	3500	2850
34 a 39	3580	3800
39 a 45	4540	3850

Esta tabela não é porém entregue ao obreiro depois do trabalho concluído. Da totalidade da fêria, no fim da semana, é-lhe ainda descontado vinte por cento—dizem que para a fazenda. Com tal prego de trabalho, sujeito a tantos descontos, mesmo aqueles que mais se esforçam a trabalhar raras vezes conseguem receber no fim da semana, importância igual à que recebe um operário livre no fim de um dia de trabalho. Os empreiteiros por sua vez, exercem ainda outro meio de roubo que lhes é permitido como todos os roubos: classificam o trabalho quasi sempre em 2.º, pretextando o mau acabamento. Para esta, como para todas as explorações, não há providências de qualquer espécie: os presos não têm a quem se queixar. Na cadeia, no edifício regenerador de criminosos, campeia o roubo como livre exemplo de cinismo.

Os fabricantes de calçado que trabalham em obra fina, são também mal pagos, sofrem o mesmo roubo que todas as outras especialidades que aqui trabalham. Um par de sapatos finos, de senhora, de salto forado, pagam-no ao obreiro com 8 ou 9 escudos. E é ainda assim o trabalho mais bem pago, o trabalho cujos operários auferem as maiores fêrias da prisão, uma média semanal de 40\$90 escudos trabalhando todos os dias da semana, sem perderem uma hora sequer. Estas tabelas são impostas aos operários alegando descontos para tudo: para a cadeia, para o empreiteiro, para a fazenda e para todas as escamoteações que a mente dos exploradores pode inventar. Porém, mesmo os descontos de lei não são cumpridos pelos empreiteiros, são feitos aos operários sim, mas ficam geralmente na posse do escamoteador directo. A fêria dos contratos é sempre violada. Há sempre mil formas de fugir ao seu cumprimento. E' questão dos empreiteiros se entenderem com aqueles que poderiam prejudicá-los pela imposição do cumprimento dos contratos e do caderno de encargos. Esses entendimentos existem sempre, são de uso em todas as dependências do estado.

Nas outras oficinas todos os trabalhos são ainda mais mal pagos. Na oficina de serralleiros, há profissionais com bastante prática, verdadeiros artistas ganhando por um dia de trabalho 2\$00 diários.

E os tribunais a funcionar continuamente a condenar vadios!

Que beleza de civilização! Não são os maus profissionais que ganham este insignificante salário. Há entre os presos das oficinas da cadeia, bons profissionais, conhecedores do seu mister. Nas oficinas do forte de Monsanto, executam-se trabalhos difíceis, não se regeitando vez alguma uma encomenda, por falta de competência dos operários. Há torneiros, serralleiros, ferreiros e caldeireiros, a trabalhar durante um dia por um mísero salário destes.

O salário mais elevado das oficinas metalúrgicas são 4\$00. Mas pouquíssimos são os presos que o auferem. Quasi é preciso ser um engenheiro para auferir este salário.

Na oficina de carpintaria a exploração é igual também. Um bom artista ganha 3\$00 e 4\$00 o máximo. Mas se assim sucede não é porque os trabalhos executados por encomenda e para uso das cadeias não sejam fornecidos por preços elevadíssimos. Os operários ganhando estes ínfimos salários, só contribuem para enriquecer os mandrindes que os exploram directamente, repartindo entre si, secretamente, o espólio das vítimas.

Em todas as oficinas a mesma infamíssima exploração. Mais uma pequena amostra: na oficina de bengaleiro o maior salário é o do metalúrgico que faz as ponteiros, anilhas, etc. E querem saber quanto é o seu salário diário? 2\$60! Pois assim mesmo pode dar-se por muito feliz, porque os demais operários da mesma oficina ganham muito menos, trabalhando muito mais talvez.

Há aqui nesta oficina operários que ganham \$30 (trinta centavos) por dia de trabalho. E assim mesmo, ainda não houve um destes, diariamente escarnecidos, que tivesse o gesto generoso de polir uma bengala nas costas do empreiteiro.

O que fica exposto é provavelmente o suficiente para se ver que o forte de Monsanto é uma autêntica caverna da Calábria onde um grupo de salteadores cobertos com a lei e com a protecção das autoridades, rouba da forma mais infame, mais descarada, muitos daqueles que a lei puniu por não souberam roubar muito e com arte. Os que a polícia prende e os tribunais condenam por gatunos são, na cadeia, vítimas de uma seita de ladrões que a polícia protege e os tribunais reconhecem legal.

A sociedade mantendo esta situação aos desamparados, aos desprotegidos da sorte e das leis, nada mais faz que contribuir para o desenvolvimento da criminalidade. E então, quando o povooteu inconsciente pede o castigo dos delinquentes, e os tribunais secundando os protestos da imprensa burguesa arremessam desgraçados para as cadeias, nada mais fazem que fabricar diariamente criminosos que já mais encontrarão na sociedade actual regeneração possível.

João Maria MAJOR
Prisão social do Forte de Monsanto

Uma família intoxicada pelo gaz

Na rua Avelar Brotero, 20, cave, a Santo Amaro, reside Manuel Martins, que ali tem algumas dependências alugadas a vários hóspedes, entre eles António Ferreira, de 27 anos, condutor dos eléctricos n.º 1052, sua mãe Maria Joaquim, de 50 anos, ambos naturais de Ancião, sua esposa Maria dos Prazeres Ferreira, de 23 anos, natural de Oliveira do Hospital e seu filho, José Francisco Ferreira, de 15 meses, Palmira da Conceição Poula, de 20 anos e sua filha Maria Júlia, de 14 meses, Maria Major Torres, de 50 anos, natural de Elvas, e Maria da Conceição, de 25 anos. Durante a noite, devido a uma rutura, na canalização do gaz, este espalhou-se pelas casas, o que foi intoxicando, pouco a pouco, todos aqueles até que de manhã despertaram muito aflitos. Reclamados os socorros ao quartel dos Bombeiros Municipais n.º 10, compareceu ali imediatamente um auto pronto-socorro, várias ambulâncias das secções de voluntários e da Cruz Vermelha, os quais transportaram todos os intoxicados ao hospital de São José, em cujo Banco foram observados pelos Drs. Fernando Simões e Sérgio Franco, dando entrada depois de devidamente tratados, Maria Joaquina, na enfermaria de Santa Emília e Maria Torres na enfermaria n.º 3 do Estefânia.

A dominação norte-americana
nas Filipinas

MANILHA, 29.—Uma força de polícia tomou três fortes, que vinham sendo ocupados pelos indígenas mauras, na região montanhosa da ilha de Nandano. A polícia teve dois mortos e fez cinco prisioneiros, porém, mais de 500 mauras puderam escapar-se por caminhos subterrâneos, assim alcançando as montanhas, e deixando quarenta mortos. E' a terceira vez, num ano, que os americanos travam luta com os mauras.—(H.)

AS GREVES

Novo Manicómio

Os operários que estavam trabalhando na secção de cimento armado da obra do novo Manicómio, encontrando-se presentemente em luta, pedem a todos os camaradas que não vão trabalhar para a referida obra a fim de os não atraírem.

Uma vaga de calor

HANOI, 29.—Uma vaga de calor anormal passa há dias sobre o Tonquim. O observatório da Indochina afirma que este calor é devido a uma depressão que persistentemente se alastra para o oeste.—(H.)

A orientação das Juventudes
Sindicalistas

Respondendo a alguns reparos dum
panfleto esquerdista

Lemos em «A Choldra» um artigo no qual, a par de referências elogiosas a propósito do seu 2.º congresso, se fazem umas observações que merecem, de nossa parte, alguns reparos.

As Juventudes Sindicalistas não têm, como se afirma, um pensamento errado; para ele ser errado precisava de carecer de base. Ora o pensamento que orienta as Juventudes Sindicalistas é determinado pelos fenómenos sociais que caracterizam a época em que vivemos. A longa experiência feita através de todas as fórmulas políticas que têm governado o mundo levam-nas a reconhecer no Estado, um instrumento de tirania e de opressão que anula todas as vontades e esmaga todas as consciências, impedindo ou pelo menos esforçando-se por impedir o desenvolvimento normal e livre de todo o progresso.

As Juventudes Sindicalistas não efectuam clandestinamente o seu congresso por recarem tornar públicas as questões nele debatidas, visto que a Batalha publicou uma reportagem bastante pormenorizada de tudo quanto lá se passou. O motivo d'ele se ter efectuado clandestinamente baseia-se na circunstância de as autoridades terem reduzido a um ignóbil sofisma a liberdade de reunião.

As Juventudes Sindicalistas ao contrário do que a «Choldra» afirma, não tateia um caminho de ponderação e inteligência, depois de abandonarem os atalhos perigosos e traiçoeiros da violência, tendo, até extinto o seu grupo de acção directa, pois que sempre as notaram a ponderação e a inteligência, e ainda preconizam que, a violência, se responde com a violência. Nunca defenderam uma desvaída violência sem nexo que praticada por agentes da autoridade tornaram os jovens sindicalistas os cabeças de turco.

Não pretendemos ser a vanguarda das reivindicações operárias de que diz o aludido panfleto: «cuja justiça já se não nega em parte alguma do mundo, principalmente nas nações realmente democráticas», sendo coisa vista em todos os momentos que onde existe democracia a proletariado reside num Eden perfeito e diz ainda: «amanhã, sejam elas uma força disciplinada, garantindo no campo das suas ideias, agueridamente, sim, como é próprio da mocidade, mas sem atitudes prejudiciais, o triunfo da razão operária, e, consequentemente, um notável progresso da democracia e da sociedade, um progresso social e democrático que nunca mais permita a ditadura brutal de um regedor de freguesia». Não seremos nunca a força disciplinada que garanta um notável progresso da democracia e da sociedade, pois pela sua supressão lutamos porque lhe temos sofrido os efeitos. Pretendemos contribuir para um progresso social sim, mas mais vasto e profundo que o programa da Esquerda Democrática. Equivalem-se todos os políticos e todos os sistemas políticos que pretendam a posse do poder político não transformando radicalmente a organização económica e social, coisa demasiadamente subversiva para os «camaradas» esquerdistas. Trabalhamos sim para não garantir a ditadura brutal de um regedor de freguesia, ou dum Pestana Júnior, director das Cadeias Civis.

Emídio SANTANA
(Do N. J. S. de Lisboa)

A guerra de Marrocos

A alegria da população pela terminação
da guerra

FEZ, 29.—Numa entrevista concedida aos jornalistas, o Pachá Bagdadi, cujo papel foi considerável nos acontecimentos do Rif, declarou que uma imensa alegria se apoderou de toda a população, desejosa de trabalhar pacificamente, considerando a paz como definitiva depois da partida do tio e do irmão de Abd-el-Krim.

Pachá afirmou que o prestígio da França é hoje muito maior do que sempre foi.—(L.)

A submissão de Abd-el-Krim

FEZ, 29.—O chefe rifenho Abd-el-Krim deve fazer amanhã a sua submissão em Tazza ao general Boichut.

O desarmamento das tribus rebeldes.—(L.)

Rifenhos que ainda querem lutar

FEZ, 29.—A queda de Abd-el-Krim produziu uma impressão bastante forte. Ainda se não obtiveram esclarecimentos totais sobre a impressão tida pelas tribus Djebala e pelos rifenhos, mas afirma-se que os diversos chefes de grupos retomaram a sua liberdade de acção em face dos rifenhos, sendo provável que alguns deles tentem organizar centros de resistência com o apoio dos irredutíveis. Todavia, as principais tribus procuram fazer a sua submissão, como duas das cinco tribus dos Beni Zeroual e outras de Beni Mestara, ao norte de Ouezzan. Todas as fracções da zona francesa se submetem já.—(H.)

PARIS, 29.—O sr. Painlevé declarou à saída do conselho de ministros que o general Simon partiu para Marrocos a fim de fixar com as autoridades espanholas as bases dos estatutos do Rif.

O ministro da Guerra afirmou não se tratar dum rectificação de fronteiras das zonas francesa e espanhola, mas sim de solucionar as questões económicas e militares resultantes da vitória sobre os rifenhos.—(L.)

Secção Telegráfica

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Rurais de Aldegalde.—Francisco Pedro Marques.—No dia 31 segue advogado Sobral de Campos no primeiro comboio. E' conveniente que alguém o vá esperar à estação.

Lede o Suplemento de «A Batalha»

AS LIÇÕES DA GREVE
GERAL INGLESA

Escreveram o Comércio do Pôrto e o Jornal do Comércio e das Colónias a propósito da greve geral inglesa que a atitude corajosa do governo de Baldwin, recusando-se a entrar em quaisquer negociações com as «Trade Unions», enquanto os operários não retomassem o trabalho, era uma ótima lição, digna de ser tomada em conta pelos governantes de todos os países, pois que fôra ela que inutilizara esse movimento!

E toda a gente que seguiu de perto os acontecimentos ultimamente desenrolados em toda a Gran-Bretanha, e que constatou a impotência sempre manifestada pelo governo para o dominar, fica um tanto espantada com o absurdo cinismo desta afirmação.

De certo que não é para nos causar muita estranheza esta linguagem da imprensa a soldo da Finança ou do Comércio, porque a burguesia tem sempre manifestado um grande desprezo e ingratidão por aqueles que nas horas do perigo têm corrido em seu socorro e a tem salvo; e para isto comprovamos, basta-nos lembrar o que têm feito os nacionalistas alemães aos social-democratas, que durante os acontecimentos revolucionários de Novembro de 1918 foram os seus melhores defensores, e bastam-nos notar igualmente que a classe capitalista ainda não soube até hoje agradecer condignamente aos bolchevistas russos o favor que lhe prestaram, estrangulando a nascente a revolução que mais ameaçadora surgia.

Mas, a pesar-de, tudo isto,—feito unicamente com o intuito de não desprestigiar as suas instituições,—nós não podemos no entanto deixar de nos surpreender com o encantamento e com a facilidade com que os lacaios da burguesia desvirtuam os acontecimentos, e alteram a verdade.

O que de facto a greve inglesa nos revelou, ao contrário do que pretendem esses jornalistas foi, por um lado, a facilidade com que as classes trabalhadoras podem, quando queiram, neutralizar a acção das forças defensoras do capitalismo mais poderoso, visto que bastou uma simples paralisação alguns ramos de serviços públicos, para fazer estremece e desvaír de medo o governo mais «prático do mundo, que nem ao menos se atreveu a tentar medidas de feroz repressão, embora se visse quasi perdido.

E se não fôsse o revoltante acto de felonía praticado pelos reacçãoários chetes «trade unionists», e se os grevistas tivessem enveredado, como deviam ter feito, pelo caminho da expropriação e da socialização, de que se serviriam as declarações de Baldwin de que «a parlamentarista com eles depois de terem regressado ao trabalho»? Absolutamente de nada, porque se os grevistas se tivessem mantido no seu posto, nenhuma importância nem significação podiam para eles ter depois as palavras de qualquer ministro.

Por outro lado mostrou-nos a greve geral inglesa que os melhores defensores, do regime capitalista—e contra os quais portanto é preciso prevenir-nos,—não são precisamente o exército e a marinha, mas sim os aventureiros, que vivem à custa das organizações operárias, e dos quais os trabalhadores inconscientemente esperam a sua libertação, em vez de só contarem para este fim com os seus únicos esforços.

O recente movimento do operariado inglês veio mais uma vez demonstrar o perigo que existe em manter no espirito dos trabalhadores essa ideia falsa e perigosa,—de que têm grandes responsabilidades,—os políticos marxistas,—de que a sua emancipação lhes poderá advir de certos Messias, possuidores de sentimentos e inteligências privilegiadas.

Mais do que nunca se torna pois necessário fazer—e esta é a melhor lição a aproveitar da greve inglesa—uma guerra sem tréguas ao preconceito «messiânico» de tão terríveis consequências, gritando-se constantemente aos ouvidos dos explorados que só se poderão emancipar pelo esforço próprio, escurando do seu seio todos os políticos que, sob qualquer pretexto, pretendem, com o seu auxilio, conquistar o poder.

A. B.

Desastre de automóvel

BERLIM, 29.—Segundo comunicam da Transilvania, um auto-omnibus despenhou-se por uma ribanceira de 50 metros de altura, em Tashmad.

Do desastre resultaram 4 pessoas mortas e numerosas feridas.—(L.)

Bolsa de Trabalho e Solidariedade
da Construção Civil

Reuniu a Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil juntamente com a Federação, tratando da crise de trabalho e a suspensão de subsídio aos presos, viúvas e órfãos. Sobre os subsídios o conselho verificou que a falta de recursos é que motivava o não pagamento dos mesmos, e foi aprovada uma proposta para que se continue mantendo a suspensão dos subsídios aos presos até que o seu estado financeiro, originado no aumento da população federativa lhe dê margem ao pagamento do subsídio.

Em seguida foi aprovado um aditamento para que estas resoluções não sejam extensivas às viúvas e órfãos.

Sobre a crise de trabalho o congresso discutiu largamente este assunto e verificou que a parte do governo não tem havido aquela atenção que lhe devia merecer com o problema desta natureza, desprezando as reclamações feitas pelas comissões do Sindicato, Federação e deste organismo.

Resolveu, por fim, o conselho que se aguardasse o momento propício para se começar com os trabalhos que deixou de tratar por motivo do que acima fica exposto.

Pelo conselho foi também aceite o pedido de demissão do secretário geral da comissão de sem trabalho, ficando para se nomear outro delegado na ocasião em que se recomencem as «demarches» que foram interrompidas. Trataram-se, ainda, outros assuntos.

NO IMPÉRIO ANGOLANO

Os atentados de Norton
contra os direitos
dos trabalhadores

O mais terrível dos atentados de Norton teve, foi ele próprio; foi ele o mais perigoso, o mais alucinado, que no delírio da febre do arbítrio e do despotismo fez explodir contra si a pólvora que lhe procurou a vida.

O número dos atentados não se limitou aos dois a que nos referimos; o general armava-se de dia e de noite, pedindo que surgissem de qualquer canto. Que apressassem, que saíssem do comércio, da burocracia, do meio militar, da cubata, da oficina e de entre os próprios componentes do parlamento angolano.

Cedo principiou Norton a meter nas mãos aos atentados à pistola com que eles lhe vieram a provar o quanto lhe queriam. Ele já os esperava; sabia que do seu procedimento abusivo algo de anormal tinha de manifestar-se. As suas arbitrariedades originavam a revolta que ao explodir, pelo cano da pistola, lhe procurava os miolos.

Provocadas as causas, diligência preservá-los dos efeitos, mas usando de tais processos que lógico seria aguardar consequências de tremenda gravidade.

Uma noite, estando o desditoso Guilherme Lima sossegadamente jantando com a família na sua casa, na rua do Sol, Norton disse, pela boca da sua polícia, que em casa dele se estavam forjando atentados e fabricando explosivos.

O Lima tinha uma modesta hospedaria, por simpatia preferia por uma parte considerável dos operários dos Caminhos de Ferro. Findo o jantar, os pensionistas conversavam, apreciando e discutindo assuntos relacionados com os seus serviços, jogando as cartas, substituindo os discos dum velho gramofone que sobre a mesa contribuía para a distração de todos os reünidos.

Umas falas mais altas, um polícia entra e ao transpôr a porta, inquiriu num gesto admoestador:

—«Antão discute-se boxivismo?»

A voz do polícia não chegou a ferir os tímpanos dos boxivistas, na sala de jantar em torno da mesa, entregues ao seu terrível passatempo.

Guilherme Lima, ouvindo a voz do automóvel, levantou-se e foi ver quem era; ao deparar com o intruso, inquiriu:

—«O senhor deseja?»

—«E' aqui parece que se discute boxivismo...» respondeu o alarve, provocando uma risada ao Lima.

—«Qual boxivismo... Cá não há disso; é tudo boa gente. Pode ir, vá passear e não tenha medo—respondeu o Lima.

—«Pobre pateta!...» disseram para Guilherme Lima, rindo com ele, com quem nessa noite jantámos.

Os pensionistas indiferentes ao motivo do nosso riso, ignorando o que se passava, continuaram discutindo o que os interessava, qualquer assunto que os interessasse. O sereno, tranquilo novamente os ombros da porta, favoreceu-nos com a sua ausência, denunciando-nos fazer-se mais parvo do que era, e simulando-se convencido de que lá dentro, na sala, um grande número de revoltosos projectavam ataques contra a segurança do Estado—e, olhando para dentro ao pôr o pé na rua, desapareceu.

No dia imediato começa a fazer-se propagar que em casa do ex-director da Imprensa Nacional se esboçavam planos diabólicos e se fabricavam explosivos.

Norton queria saborear o bom prato de se vingar de Guilherme Augusto Alves de Lima, queria mandar prendê-lo, metê-lo a bordo e obrigá-lo a embarcar para Lisboa.

Assim fez; dias depois Guilherme Lima era preso e obrigado a embarcar, deixando em Angola seus velhos pais, mulher e dois filhos, cujo sustento dependia do seu trabalho.

Sempre perseguido Guilherme Lima veio a Portugal terminar a vida no seu campo, ali à esquina da rua Luz Soriano, onde um bandido armado pelo Estado lhe roubou trançoiramente.

E os pais de Guilherme Lima, seus filhos e a mulher lá ficaram em Africa reduzidos à miséria!

O pai, já velho, obrigado pela necessidade de trabalhar sem poder, foi vítima dum desastre, ficando com o crânio esfacelado; a mulher, mercê de circunstâncias de ordem vária, pôz o corpo em praça, sendo hoje explorada por um dos polícias civis de Norton, o ex-polícia em Lisboa Carlos Vaz Velho da Palma; o filho mais novo não sabemos que caminho levou e a mulher mãe do Lima e um neto, devem ao nosso amigo Pedro de Melo o não terem morrido de fome!

E' para estranhar que Norton tivesse atentados?

Teve muitos, é para admirar que não tivesse tido muitos mais.

Falamos nos, dizemos a verdade; o vigarista da Moagem, o pontificador do Cálculo, o tateador sociário do Banco Ultramarino não se chama

Correia de SOUSA

A luta social em Inglaterra

Persiste a resistência dos mineiros
à redução dos salários

LONDRES, 29.—Os mineiros consideram inaceitável a proposta de plataforma do sr. Varley, tendo os srs. Herbert Smith e Cook, presidente e secretário da Federação Mineira, declarado estarem inalteravelmente em oposição com qualquer redução de salários ou aumento do número de horas de trabalho, de sete para oito diárias. Uma nova proposta é agora apresentada pelo sr. Frank Hodges, secretário da Federação Internacional Mineira, que se baseia também num aumento do número de horas de trabalho, o que lhe valerà ser regeitada pelos «leaders» mineiros.—(L.)

Um tesouro surripiado

BOURG, 29.—A alfândega fez deter, na gare de Bellegarde, um lavrador da Ardeche, que tentava exportar 1.020 francos em ouro, os quais foram confiscados.—(H.)

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Pessoal dos Tabacos, admitido depois de 1890.—Reúniu-se a direcção, juntamente com os delegados, tendo resolvido entre outros assuntos, convidar os delegados dos operários da «Régie» para uma nova reunião, que terá lugar amanhã, sendo ordem dos trabalhos a apreciação do officio enviado pela Câmara Sindical do Trabalho, acerca das condições da adesão a C. G. T.

CONVOCAÇÕES

DIAS PROXIMOS: Impressores Tipográficos.—A direcção terça-feira às 20,30 horas, pede-se a presença do tesoureiro da anterior direcção

CRISE DE TRABALHO

NO ESTRANGEIRO
Alemanha

BERLIM, 29.—Nota-se que, durante a primeira quizena de Maio, diminuiu a crise de trabalho na Alemanha. O número de desempregados, amparos de família, e recebendo subsídios, passou de 1.732.000 a 1.743.000.—(H.)

Inglaterra

LONDRES, 29.—Oficialmente se diz que o número de desempregados inscritos, no final da quizena última, eleva-se a 1,612\$00, sendo 35.801 mais que na primeira semana, e 427.680 mais que em igual período do ano passado. Por outro lado, 358.000 mineiros não trabalham e noutras indústrias não trabalham 50.000 operários, o que prefaz um total de 408.000 desocupados a exigir subsídios.—(H.)

LEIAM A'MANHÃ
O
Suplemento semanal
DE
A BATALHA

SUMÁRIO:

Carta ao soldado desconhecido sobre o que se passou na China, pela Voz que clama no deserto.

Um mulher através dos tempos, por Ladislau Batalha.

A peregrinação a Fátima, por Nogueira de Brito.

Sindicalismo e anarquismo, por Soledad Gustavo.

A epidemia, fantasia em 1 acto.

Jornalistas, amadores e profissionais, por J. B.

O que todos devem saber...

Chico, Zecas & C.ª

A ACTUALIDADE
NO ESTRANGEIRO

NA ITÁLIA

Perseguições à União Sindical Italiana

A- pesar-de desta velha entidade revolucionária só restarem na Itália grupos sem coesão, debilitados pela barbaerie imperante, continuam preocupando as hordas criminosas do fascismo as manifestações isoladas e eventuais dos elementos dispersos daquele organismo proletário.

Depois que as revistas dos nossos camaradas foram proibidas por parte do governo fascista—diz uma informação—a União Sindical Italiana resolveu editar mensalmente uma revista «Rassegna Sindicale». Também a revista foi perseguida severamente pelos empregados fascistas. O caderno de Outubro de «Resenha Sindical» foi requisitado, quando se efectuou a confiscação. Como motivo explicativo diz-se, que a revista faz agitação perigosa contra a ordem pública. Tememos que o próximo número seja também confiscado.

A União Sindical Italiana não constituiu nunca uma verdadeira força revolucionária. Representava apenas uma bela promessa para o futuro das lutas operárias no país das grandes surpresas. Hoje não pode sustentar senão os perturbados por fundos temores.

O fascismo com todas as suas fumaças de partido invencível, graças às hostes criminosas que mobilizou, vive em perene inquietação pelos seus destinos. Só assim se explica essa perseguição à acção dum certo homem de vontade, hoje inofensiva em vista das terríveis dificuldades com que tem de lutar para dar provas de existência, animando aos menos esperanças, aos que não perderam a confiança na vitória dos seus ideais num dia ou outro.

INSTRUÇÃO

O festival dos Caixeiros de Lisboa

E' no próximo dia 3 de Junho, como temos anunciado, que no Coliseu dos Recreios se realiza o grande festival

O movimento revolucionário está virtualmente triunfante

Das declarações do general Gomes da Costa depreende-se que uma parte dos revoltosos pretende estabelecer uma ditadura militar. De Alfaielos para o Norte, o país está nas mãos dos revoltosos. Segundo um manifesto revolucionário os militares não formarão governo. Infantaria 7 foi aprisionada em Santarém, sem efusão de sangue. Lisboa continua tranqüila, embora os espíritos estejam bastante alarmados. Infantaria 33 está acampada em Tunes, onde aguarda reforços. Uma coluna dos marinheiros do Vale de Zebro marcha sobre Évora, estando ao lado dos revoltosos. O governo pediu a demissão e o presidente da República já encetou negociações para a constituição dum governo nacional

O governo—e quando o nosso jornal circular não sabemos se esta palavra ainda terá razão de ser—para demonstrar que ainda reina a paz por todo o país alarmou ontem a capital com a afixação de cartazes pelas paredes, nos quais afirmava por sua conta e risco que estava senhor da situação. E os cartazes governamentais tiveram o efeito de elogio em boca própria. Verificou-se imediatamente que o governo não estava senhor da situação, porque se o estivesse não necessitaria de recorrer ao meio extremo de vir afirmá-lo em cartazes pelas paredes, à maneira de anúncios de pó para matar insetos.

A revolta vai lavrando por todo o país, como fúria que incendeia um palheiro e prontamente o devora.

Pelo relato que a seguir fazemos dos acontecimentos constata-se que o governo está completamente perdido. Isso que para aí está presidido por um homem vagamente barbeado, vagamente inteligente, já não é um governo—é um grupinho de políticos teimosos que a eles próprios se criaram a ilusão de que ainda dão ordens neste país.

O movimento é militar, como toda a gente vê. E encontrou atmosfera favorável não em qualquer simpatia que o povo nutra pelo militarismo, mas na animadversão geral que existe contra o partido democrático e muito particularmente contra os processos ditatoriais de António Maria da Silva.

Nada se sabe de positivo sobre a constituição do futuro governo. Ha contradições flagrantes nas declarações dos revoltosos.

As afirmações do general Gomes da Costa, que são bastante graves, deixam entrever a possibilidade de uma ditadura militar—que é francamente antipática ao espírito popular. Por outro lado fala-se num governo extra-partidário que é a solução que mais simpatias e melhor ambiente pode criar.

A atitude do operariado está definida nos nossos editoriais de ontem e de anteontem. E de neutralidade em face dos acontecimentos e de expectativa. Se a questão se localizar num ajuste de contas no campo político sem que as liberdades e regalias populares sejam afectadas, o proletariado organizado e consciente limitar-se há a seguir com atenção os acontecimentos. Se, porém, alguma atitude de hostilidade se manifestar contra o proletariado—ele terá de defender-se, embora sem pactuar com o governo cuja sorte lhe merece o máximo desprezo.

O preludio da revolução

Do movimento revolucionário, que teve a sua eclosão na madrugada do dia 28 em Braga, começam a conhecer-se os seus principais pormenores. Sabe-se que o general Gomes da Costa saiu de Lisboa na quarta-feira passada, em automóvel, acompanhado pelo seu ajudante, tenente Pinto Correia, e pelo tenente João Pereira de Carvalho, de cavalaria 11.

Sabe-se também que às 17 horas parou à porta de uma casa dos arredores de Lisboa, onde o general passou a noite, em automóvel. Momentos depois o chefe da rebelião metia-se nesse automóvel e partia para Paialvo onde o sr. Gomes da Costa contava tomar o rápido que o conduziria ao Porto.

Por razões que não vêm para o caso o plano foi modificado. O automóvel conduzindo o general passou por Coimbra em direcção ao Porto, onde chegou na quinta-feira de manhã.

No dia da sua chegada o general Gomes da Costa encontrou com os oficiais superiores que representavam a maioria das unidades da guarnição, os quais se comprometeram: uns a colaborar no movimento, e outros a não o hostilizar.

Cerca das 21 horas, o mesmo automóvel que o trouxe de Lisboa, partiu com o general para Braga. O sr. Gomes da Costa, depois de instalado numa casa particular, fez desfilar diante de si dezenas de oficiais de todos os corpos da guarnição que se colocaram inteiramente a seu lado.

A proclamação do movimento

A 1 e 30 da madrugada, o ajudante do general, tenente Pinto Correia, avistava-se com o general Perez, comandante da 8.ª Divisão. Aquele oficial, que a essa hora já estava deitado, recebeu-o em pijama. O tenente Pinto Correia disse-lhe ao que ia. Comunicou-lhe que a Divisão estava resolvida a sublevar-se, sob a chefia do general Gomes da Costa. O general Perez comprometeu-se, então, sob a palavra de honra, a não hostilizar o movimento. Disse mesmo que aguardaria no Quartel General o desenrolar dos acontecimentos, mantendo-se à frente da Divisão.

Apresentava duas razões:

1.ª—Porque era de opinião que o Exército, como única força organizada, devia intervir nos destinos da Nação;

2.ª—Porque à frente do movimento estava uma ilustre figura militar, seu antigo condiscipulo e seu velho amigo, por quem ele tinha grande consideração. Além disso, o general Gomes da Costa era uma segura garantia de republicanismo.

Estes resultados animaram o general Gomes da Costa, que às 6 horas entrava no quartel de infantaria 29, onde foi recebido com entusiasmo. Porém, pouco depois, o chefe da rebelião era informado de que o general Perez, a despeito das suas declarações, saíra da cidade e se dirigira para Valença, onde estava organizando uma coluna para atacar os revoltosos. Em virtude desta atitude, segundo ainda nos dizem os nossos informadores, o general Gomes da Costa tomou conta do comando da divisão.

Seguidamente o general viu acolhimento caloroso. Fez-se o juramento solene de que lutariam até final para alcançar a vitória... e a função principiou.

A estação radiotelegráfica de Braga comunicou então a todas as unidades da Divi-

marinha sr. Barreto. Estes embarques fizeram-se sem dificuldade, nem dissimulação. Nesta vila não havia forças favoráveis ao governo, excepto um contingente de 60 praças da G. N. R. sob o comando do capitão sr. Azevedo, que embora não tivesse aderido aos revolucionários, também não os inquietou, deixando-os proceder à vontade.

Pouco depois das 17 horas chegou a notícia que os ferroviários do Sul e Sueste tinham paralisado, obedecendo à determinação dum Comité Revolucionário composto por elementos daquelas linhas. As 17,30 os membros desse Comité apoderaram-se, sem resistência da estação do Caminho de Ferro do Barreiro, e cortaram as comunicações telefónicas com Lisboa.

As 18,30 chegaram em automóvel os primeiros marinheiros revoltados de Vale de Zebro. Foram ocupados por eles os edifícios do correio e da Câmara e a estação dos telefones.

Chegaram mais praças, estabelecendo-se com elas um serviço de vigilância da estação ferroviária. Um oficial vindo de Lisboa, o capitão do exército sr. Sobral, acompanhado por alguns elementos civis, foi paralisado com o capitão Azevedo da G. N. R. que ao que parece se manifestou em discordância com o movimento, embora não estivesse disposto a hostilizá-lo.

Contudo a sua rendição dá-se como certa não se mostrando os revoltosos inquietos com a sua atitude.

No Barreiro está-se organizando um comboio com os marinheiros e vários civis que conseguiram armar-se. Dirigem-se a Évora no intento de decidir a guarnição da cidade a aderir ao movimento. O comité de antes delegados do comité revolucionário telefonaram para Tunes para o comandante do batalhão de infantaria 33, informando-o que o Sul e Sueste estavam nas mãos dos revoltosos e perguntando-lhe se precisava dum comboio para transportar as suas forças. Presumimos que os revolucionários contam ir a Évora com os revoltosos que se encontram em Tunes.

Em Setúbal, segundo informações que colhemos, houve grandes divergências entre os oficiais acerca da atitude a assumir em face do movimento, que iam ocasionando conflitos pessoais.

A cidade permaneceu tranqüila e a tropa deixou-se ficar nos quartéis.

Ao Barreiro chegou a notícia de que os destacamentos militares que se encontravam no Pinhal Novo se afastaram para longe da estação ferroviária, deixando assim a linha desimpedida aos revoltosos.

Sobre Évora e outras cidades e vilas do Alentejo tem corrido nestas últimas 48 horas as mais apaixonadas e desencontradas versões, tornando-se numa grande dificuldade o saber-se, ao certo, o que nelas se passou.

Não nos deixámos guiar pelos boatos e conseguimos, ao cabo de grandes esforços, averiguar que Vila Viçosa, Extremoz e Évora se mantinham tranqüilas, não se tendo as suas guarnições militares pronunciado a favor ou contra o governo.

As 12,30 de anteontem estavam concentradas no Pinhal Novo, 92 praças de infantaria 11, de Setúbal e de 50 da guarda republicana. Forças obedientes ao governo e especialmente encarregadas de não deixar prosseguir a marcha de quaisquer comboios que conduzissem forças revolucionárias. Iguais instruções foram dadas, por determinação do governo, aos ferroviários.

As forças revolucionárias vindas de Lagos no dia 28 compunham-se de 400 praças do batalhão de infantaria 33 aquartelada naquela cidade. Detiveram-se em Alcaer, devido ao governo ter ordenado que se levantasse a ponte de caminho de ferro. Os revoltosos aguardaram depois a passagem por Alcaer do comboio 5 que largou de Lisboa às 21,10, de anteontem e que passou naquela vila às 23 horas. Embarcaram nele e foram até Tunes: apareceram nesse entroncamento ferroviário e bivacaram junto à Vinha do Figueirido, próximo da estação. Ficaram ali esperando que se lhes viesse juntar o batalhão de infantaria 4 de Távira e o batalhão de infantaria 33, de Faro.

Porém, até às 19 horas, nenhuma dessas forças se lhe tinha juntado, ignorando o comandante das forças revolucionárias a razão porque tal sucedera. Beja conserva-se tranqüila. As tropas estão de prevenção, não se tendo produzido o mínimo incidente.

O movimento no norte do país

Em Braga, o 6.º batalhão da G. N. R. que ali tem a sua sede, não hostilizou as forças do general Gomes da Costa.

No Porto, segundo um telegrama ontem recebido, vários oficiais andaram em automóveis aos vivas a Gomes da Costa, muitos deles juntando-se aos revoltosos.

De Coimbra recebeu-se um telegrama do seguinte teor:

«Uma força militar revoltada, declara que estão sendo cortadas as linhas ascendentes e descendentes em vários pontos, entre Alfaielos e Coimbra, devendo suspender a circulação de comboios. A coluna de marinha do comandante Freitas Ribeiro,

e que estava acampada em Amieira, é certo que não poderá prosseguir».

De Santarém, as notícias confirmam a prisão de Mendes Cabeçadas e do major Brito Pais, dizendo que as forças daquela cidade permanecem fiéis ao governo, às ordens dos coronéis Freiria e Choque Júnior e do major Faria Leal.

Na Figueira da Foz, a estação telegráfica foi tomada por forças militares que impediram a chegada do comboio especial com a coluna de marinha, avisando os oficiais de que não permitiriam a sua passagem.

Em Vila Real, a divisão militar aderiu completamente aos revoltosos.

Em Coimbra também a guarnição militar aderiu ao movimento, assim perdendo o governo um excelente ponto de apoio. Correu ontem o boato de ter sido morto em Mafra um oficial que se opunha ao movimento.

De Mafra veio a notícia de se terem revoltado as forças militares ali aquarteladas, as quais fizeram marcha sobre Queluz, sob o comando do coronel Oliveira Gomes. As tropas do governo concentram-se no Alto de Cheleiros, com o intento de resistir.

Um edital do governador civil do Porto

No Porto foi profusamente afixado o seguinte edital:

«Eu, Adalberto Gastão de Sousa Dias, general comandante da 3.ª Divisão do Exército, tendo assumido o governo militar do distrito do Porto, por sua ex.ª o sr. governador civil do distrito me ter entregado as atribuições inerentes à manutenção da ordem pública no mesmo distrito, faço saber:

1.ª São garantidas as liberdades nos termos da Constituição Política da República, e consequentemente a liberdade de trabalho e o respeito pela propriedade.

2.ª As 23 horas serão encerrados todos os estabelecimentos, inclusive casas de espectáculo e de divertimento público, restaurantes, etc.

3.ª Das 23 às 6 horas não será permitido o transitar pelas ruas da cidade, salvo caso de força maior, devendo àquela hora todos os cidadãos estarem recolhidos em suas casas.

4.ª São proibidos todos os ajuntamentos na via pública, reuniões e comícios, ainda que em recinto reservado, sedes de Associações ou Grêmios, sem autorização deste Comando.

5.ª Todas estas determinações serão rigorosamente cumpridas, sendo dadas ordens às forças militares e policia para reprimirem com a maior energia toda a conduta que, podendo mesmo servir-se dos meios extremos, se tanto for preciso.

6.ª A fim de evitar a publicação ou transmissão de notícias tendenciosas sobre a actual alteração da ordem pública e movimento de tropas, devem as empresas jornalísticas submeter, antecipadamente, essas mesmas notícias ao visto deste Quartel General.

Quartel General no Porto, 28 de maio de 1926.—(a) Adalberto Gastão de Sousa Dias, general.—Está conforme. O chefe do estado maior, interino, Martins Soares, major.

Qual o carácter e os fins do movimento?

O que declarou o general Gomes da Costa a um jornalista—Dissolução do Parlamento, destituição do Presidente da República, governo militar

Não se sabe positivamente quais os fins do movimento militar; toda a gente se interroga. As proclamações dos revoltosos de nada elucidavam; eram quasi esfingicas. O *Diário de Lisboa*, porém, atribuiu ontem ao general Gomes da Costa, que tem aparecido como um dos chefes das tropas revoltadas, declarações que achamos interessante transcrever. Segundo o enviado especial do *Diário de Lisboa*, a entrevista decorreu assim:

«Começamos por interrogar:

—Qual o carácter do movimento?

O general Gomes da Costa responde:

—Exclusivamente militar. Não tem nenhuma cor política. Nem conservador, nem radical. Pode chamar-lhe de ressurgimento nacional.

—Os fins da revolta?

—Levar o Exército a intervir na política, com o fim de moralisar a nossa administração pública.

—O que pensam fazer, se ficarem senhores da situação?

—Constituir um governo militar, composto pelas pessoas que dirigiram o movimento, para que as suas intenções não sejam traiçoadas. Sucede, frequentemente, em Portugal, os políticos aproveitarem-se,

em seu benefício, de movimentos militares, cujas intenções eram diferentes daquelas que os seus organizadores tinham em vista. Sacrificio inútil, que nós não aceitamos, de forma alguma.

—Quais são as pessoas indicadas para o governo?

—O comandante Mendes Cabeçadas, um oficial superior cujo nome ainda lhe não posso dizer e eu. Constituiremos, assim, um triunvirato, apoiado pela marinha e pelo exército, e rodeado dum conselho técnico, que será escolhido entre as pessoas que ofereçam maiores garantias de competência e honestidade. Estamos absolutamente dispostos a manter a tranqüilidade e o respeito pela lei, para que as pessoas competentes possam trabalhar, dando à vida nacional um impulso para a frente. Terminada esta atmosfera, e logo que as coisas estejam bem encaminhadas, entregaremos o governo a homens que saibam governar».

O Parlamento será dissolvido

Depois, segundo o mesmo enviado especial, o general Gomes da Costa teria dado a seguinte opinião:

«A dissolução imediata do Parlamento, que vem exercendo uma acção desmoralizadora sobre os nossos costumes políticos. Eu bem sei que há homens honestos e competentes entre os membros do Parlamento. Mas a maioria é de incompetentes e a obra de descrédito que estão realizando é nefasta para o país e para as instituições republicanas.

—Em primeiro lugar, por de parte todas as leis feitas com objectivos particulares, que defendam apenas os interesses de alguns indivíduos, contrariando o interesse geral da Nação. São leis atentatórias da moral, que é absolutamente indispensável revogar. Em seguida, por cobro a todos os escândalos administrativos que se vinham registando há alguns anos a esta parte e cujos responsáveis ficaram impunes.

Referindo-se ao caso do Angola e Metrópole, o general apenas declarou que se apegaria o julgamento, condenando-se os culpados e absolvendo-se os que provarem a sua inocência.

O Presidente da República será destituído

Acerca da atitude que os militares assumirão em face da Presidência da República, as declarações do general Gomes da Costa não são menos graves:

«É um ponto delicado que é necessário resolver. O Bernardino Machado, pela atitude que tomou nos últimos tempos, vê-se que perdeu muitas daquelas qualidades brilhantes que fizeram dele, durante muitos anos, uma figura moral digna do nosso respeito. Devo dizer-lhe que tenho uma grande consideração por ele, mas entendo que nesta hora já deve ter compreendido que é tempo de pedir a reforma.

—E para o substituir?

—Escolheremos uma pessoa com as qualidades necessárias para desempenhar esse alto cargo».

O general Gomes da Costa fez outras declarações menos importantes, pelo que nos dispensamos de reproduzir. Por exemplo, o general declarou que os militares desejavam a colaboração de políticos que os revoltosos consideram bons e lamentou-se de se obrigar os soldados à revolta, porque nunca sabem para que vão.

Os militares não formarão governo?

As declarações de Gomes da Costa, acima transcritas do *Diário de Lisboa*, estão em contradição, nalguns pontos, com o seguinte manifesto que os revoltosos fizeram ontem distribuir:

«O movimento triunfante que anteontem se iniciou, é um movimento nacional republicano sem nenhuma característica militar. O Comité revolucionário dá como garantia da verdade a sua honra.

O governo, perdido, irremediavelmente, apela mais uma vez para um jôgo infame, a fim de envenenar a opinião pública. Quer continuar a sua obra maldita de negação dos princípios republicanos, de latrocínios e de corrupção.

Quer afundar o País em lama, fazendo dele, como até hoje tem feito, chiqueiro imundo onde refocila o partido democrático. Engana-se!

A República é de todos os republicanos honestos. E assim que nós a queremos, e é por uma República assim que estamos vertendo o nosso sangue.

Daremos ao País um governo que, integrando os altos princípios democráticos, saiba dar à República toda a sua pureza.

Governo Militar, não!

Outras informações afirmam-nos que, embora dissolvendo o Parlamento, os revoltosos não destituíram o Presidente da República, o que, digamos, não nos parece muito provável, se bem que os militares declarem não quererem suportar complicações e dificuldades que surgiram no caso de se dar a destituição. Segundo as mesmas informações, o comité revolucionário, que é composto por quatro oficiais e presidido pelo comandante Cabeçadas, assinou um compromisso para que o governo saído da revolução tenha a aprovação das forças de terra e mar e seja constituído por elemen-

tos de todas as correntes que participam no movimento.

Para presidir a esse governo está indicado o nome do comandante Mendes Cabeçadas.

As impressões colhidas em Santarém pelo nosso enviado especial

SANTARÉM, 29.—A força de infantaria 7 que anteontem marchara sobre Santarém era constituída por 300 recrutas que se encontravam a receber instrução nas Caldas da Rainha. Saídos do aquartelamento a pretexto dum passeio de instrução, foram no caminho iludidos pelos oficiais que os comandavam que eram revoltosos se assim o entendessem, e que seguiam caminho de Rio Maior até Santarém. Os revoltosos avançavam confiados em promessas de boa recepção da parte dos comandos das unidades de Santarém promessas que lhes foram reiteradas para Rio Maior pelo comandante da G. N. R. de Santarém, coronel Magalhães.

De madrugada, ao encontro dos revoltosos, marcharam uma companhia de infantaria 16, com uma secção de metralhadoras e uma bateria de artilharia, sob o comando do coronel Freiria, tendo como subalternos o capitão Mata e Silva e um major da G. N. R. As forças governamentais foram com ordem de não fazer fogo e encontraram-se com os revoltosos num subúrbio de Santarém denominado Quinta do Mocho. Parlamentaram os oficiais dum e outro lado e os de infantaria 7 concluíram pela rendição.

Afastaram-se os oficiais fiéis ao governo e as forças revoltosas em vez de se entregarem retrocederam indo-lhes no encalço uma camionete com metralhadoras e um automóvel com oficiais.

Em Peróvilhos os governamentais apanharam os revoltosos, puzeram as metralhadoras em posição de combate e começaram novamente a render-se, no que foram obedecidos. A entrega deu-se pelas 13 horas, recolhendo os soldados do 7 ao quartel de infantaria 16 e os oficiais que os comandavam ao quartel de artilharia 3, sede do comando militar.

Os revoltosos apresentavam-se estropeados, tendo-se dado entre eles casos de insolação pelo excesso de fadiga, sendo os insolados transportados para a cidade pelos carros da corporação dos Bombeiros Voluntários.

Coimbra encontra-se em poder dos revoltosos.

O espírito do povo de Santarém é indifinível na actual conjuntura, podendo-se afirmar que a descrença na acção dos democráticos, que tiveram como seu feudo Santarém, é grande.

Às 15 horas um destacamento de infantaria 16 que se achava em Abrantes a receber instrução de recrutas, entrou na cidade, de baioneta armada, sob o comando do tenente Chianca Maia da G. N. R.

O que nos não disseram os comandantes militares

Procurámos ouvir os comandantes das unidades sobre o movimento.

O comandante militar, coronel Choque, recebeu-nos com um sorriso de compromisso, mas opoz-nos a barreira insuperável do *Diário do Governo* que insere a lei que proíbe os militares de falarem para a imprensa. Mais felizes não fomos com o coronel Freiria, comandante de infantaria 16, e com outras entidades militares que buscámos auscultar.

Não desanimámos. De palavra em palavra, de opinião em opinião isolada, conseguimos conhecer o estado de espírito da guarnição de Santarém, que se define assim:

O coronel Choque, que evitou o embate sangrento com infantaria 7, declinou o comando no seu colega Freiria.

Da oficialidade da guarnição a maioria está com os revoltosos. Os sargentos são fiéis escravos da disciplina, obedientes, segundo afirmam, às ordens dos superiores, mas deixaram-nos a impressão de serem em maioria afectos ao governo.

A alguns ouvimos a afirmação de que ante a expectativa dum efusão de sangue preferem que os metam no presidio. A soldadesca essa é maleável, como sempre...

O desarmamento de artilharia 3, e o mais...

Às 18 horas, depois dum troca de impressões entre os sargentos e a oficialidade

Reúne-se hoje o Conselho da C. G. T.

Para analisar a marcha dos graves acontecimentos, são convocados a reunir-se hoje, pelas 11 horas, todos os delegados ao Conselho Confederal. A reunião efectuar-se-á na sede da C. G. T.

...to tomaram muito impor a sua o...
...o sr. general Go... a luta que se vai travar é decisiva: ou

REVOLUÇÃO

Nas... comunicar telefonicamente... mas não conseguimos por... governo registou as comunicações telefônicas...

Ouvindo o governador civil de Santarém

Quando tentávamos conseguir um telefonema para a capital deparou-se-nos o sr. Mario Forte, governador civil do distrito, a quem abordámos com uma pergunta sobre o movimento. O sr. Mario Forte, muito amavelmente, dispôs-se a conceder-nos uns momentos de atenção no seu gabinete. Ali, repousando numas confortáveis cadeiras forradas de marroquim, dispáramos as perguntas que julgamos mais palpitantes; mas elas foram quebrar contra os melindres da situação do sr. governador, que julga pertencer o momento aos militares.

Entanto cavaleámos sobre a heterogeneidade das correntes da opinião escalpitana, que dá uma irrefutável maioria contra o governo.

Uma pergunta: Como serão recebidas quaisquer forças que arrisquem uma incursão amigável na cidade, para a tomarem apenas como bom ponto estratégico?

O sr. governador, invocando mais uma vez os melindres do seu cargo, avança num tom que nos parece revestido de sinceridade:

—Desejaria que não corresse o sangue de irmãos da mesma raça... Sou pacifista por temperamento... Quando do aprisionamento de infantaria 7, solicitei aos civis que acorrem a gozar tão ingrate espectáculo que se desviassem a fim de não dar a impressão de um acolhimento hostil... Insistimos, inexoráveis, importunos, ante a concórdia do nosso locutor:

—Pode v. ex. informar-nos do que ocorre no seu distrito?

—Da melhor vontade. Tenho aqui telegramas que me asseguram fidelidade ao governo das guarnições militares de Abrantes, Torres Novas e Tomar...

—Apenas essas localidades...

—São os únicos concelhos do distrito de Santarém guarnecidos militarmente.

—Também recebi do meu colega do Porto um telegrama que desmente a notícia de que tenha havido qualquer pronunciamento na capital do Norte e ali se haja instalado o general Gomes da Costa. De Portalegre e Faro recebi idênticas informações telefônicas.

E com um apêto de mão de despedida, mas não disse o chefe do distrito de Santarém.

Momentos passados alguem que nos merece absoluta confiança asseverou que chegou do Porto um telegrama que afirma ter o general Gomes da Costa entrado no Porto, estabelecendo ali o seu quartel geral.

Encontram-se presos pelas forças do governo em Santarém o capitão de mar e guerra Mendes Cabeçadas, o major Brito Pais, o capitão-tenente Gama Ochôa e o tenente Delagrange.

As forças de marinha, comandadas pelo capitão de mar e guerra Freitas Ribeiro seguiu de Leiria com outras forças de exército para o Norte, a fim de combater as forças revoltadas.

Também foi mandado seguir um navio de guerra para a Figueira da Foz.

Os oficiais da guarnição militar de Lisboa não recebem ordens do Governo

A pesar da sua aparente normalidade Lisboa nestas últimas horas tem vivido uma grande agitação. Além do grande entusiasmo do elemento civil, alguns elementos militares velada e publicamente têm manifestado a sua simpatia pelo movimento insurreccional.

Ontem falámos com um dos oficiais da guarnição militar de Lisboa que confirmou a nossa asserção. Por serem muito interessantes as suas declarações vamos reproduzi-las para que o leitor conheça o estado de espírito do elemento militar de Lisboa.

—Primeiro do que tudo devo dizer-lhe que a guarnição de Lisboa está disciplinada. Não nos interessam os movimentos políticos porque pertencemos a uma classe e não a um partido político.

—Mas os senhores cumprem as ordens do governo?

—Não, senhor. Isso é um erro em que laboram quasi todos os jornais. Nós não cumprimos as ordens do governo. Reconhecemos apenas como nosso superior legítimo o comandante da Divisão.

E acrescenta:

—Se o governo nos desse ordens directamente nós recusar-nos-íamos a cumpri-las sem confirmação do comando da Divisão.

Depois a conversa derivou para as simpatias que o movimento conta entre a oficialidade de Lisboa. E o nosso entrevistado diz-nos:

—Não é novidade para ninguém se afirmar que o movimento conta com as simpatias dos oficiais de Lisboa.

—E porque estão espectantes esses oficiais?

—Porque nesta terra a cobardia moral é o maior obstáculo à realização de um pensamento...

O governo demitiu-se

As primeiras da noite, o sr. António Maria da Silva foi a Belém apresentar a demissão colectiva do gabinete. O sr. Presidente da República absteiu-se de demissão, iniciando logo diligências para a formação de um governo extra-partidário, conforme os desejos dos revoltosos.

Os planos dos revoltosos

Os planos dos revoltosos dividiam o país em quatro zonas de acção: a do norte, abrangendo a 3.ª, a 6.ª e a 8.ª divisões, confiada ao comando do general Gomes da Costa; a de Santarém, sob o co-

coronel Magalhães, da guarda republicana, constituída pelas unidades de Castelo Branco, Tancos, Entroncamento, Caldas, etc.; a do centro do país, abrangendo forças de mar, aviação, arredores, etc., entregues a uma chefia que não conseguimos apurar; e a do Alentejo, igualmente comandada por um oficial, cujo nome se desconhece ainda.

O governo impõe a censura prévia à imprensa

A pesar de todas as afirmativas do sr. Barbosa, governador que é de Lisboa, foi estabelecida a censura aos jornais. Nem ao menos se salvam as aparições com qualquer acto político: o sr. Barbosa, ao servir o sr. António Maria da Silva, tem o critério dos polícias a quem dá ordens. Ontem, a Batalha dificilmente se pôde publicar, dado os embargos que as autoridades policiais lhe propunham. O sr. Barbosa escla-fa-se a gritar que não há censura prévia; porém, a interdição dos jornais sem a antecedente leitura pelo sr. Barbosa, a apreensão e o impedimento da circulação, a intimidação de se não publicar notícias desagradáveis para o governo, tudo isso mostra bem que a imprensa está livre... de comunicar regularmente com o público. O protesto contra a não-censura prévia que faz claros nas colunas veiu surgindo: alguns dos jornais lisboetas de grande circulação na provincia deixaram de se publicar, provocando assim uma incerteza perigosa acerca do que se passará em Lisboa.

Todo o Norte em poder dos revoltosos

Ontem à tarde a cidade do Porto caiu em poder dos revoltosos. O general Gomes da Costa instalou-se no Quartel General da invicta cidade e dali está dirigindo toda a ofensiva contra as forças do governo. De Alfaielos para lá dominam as forças revoltosas.

Al longo da linha férrea vêem-se patrulhas dos revoltosos.

No Porto foi distribuído o seguinte manifesto:

«O Porto, a cidade invicta, que através dos tempos tem mostrado o seu espírito liberal, acaba de aderir às tropas revolucionárias que tem desde o seu início o triunfo assegurado.

Dentro de poucas horas irá pronunciar-se a guarnição de Lisboa e a nobre Marinha de Guerra.

Está assim absolutamente assegurada a vitória.

Movimento Nacional Republicano feito contra os nefastos políticos que têm arruinado o País, ele pretende dar à democracia as suas verdadeiras directrizes.

A Nação não pode continuar a ser o logradouro de vadios.

Tem que elevar-se aos objectivos que imprimam uma República honesta!

Viva a República! Viva o Exército! Viva a Marinha!

Manifestações nas ruas de Lisboa

Ontem à noite produziram-se várias manifestações populares hostis ao governo. Foram dissolvidas pela policia e pela guarda republicana.

Uma delas, na rua do Mundo, foi dissolvida violentamente à baioneta pela policia que rasgou uma bandeira nacional que os manifestantes levavam.

No largo do Pelourinho produziu-se um conflito mais importante, do qual resultaram feridos com espedaçadas: Guilherme Caetano, de 44 anos, 1.º cosinheiro da grama, morador na travessa do Conde da Foz; 47, Anibal Francisco, de 26 anos, operário da Câmara Municipal, travessa dos Fiéis de Deus, 125, que recolheu à sala de observações do hospital de São José, Francisco Alves Cardoso, de 22 anos, páteo de São Vicente, 9, espedaçado num braço, que recolheu a casa.

Marinheiros presos

Um grupo de marinheiros que andava num automóvel percorrendo a Baixa foi preso para o posto do Teatro Nacional, em frente do qual estacionaram muitos populares que foram dispersos por policia à paisana que andava por ali armada de carabina.

Notas soltas

A aviação mostra-se favorável ao movimento. Encontram-se em Mafra o major Cifka Duarte e outros aviadores. Os oficiais aviadores capitão Ribeiro da Fonseca e tenente Dias Leite, partiram ontem de Tancos para Santarém, em avião. Não devem ter aterrado em Santarém, onde não há campo.

Há notícias positivas, de que aderiram ao movimento as guarnições de Vila Real, Amarante, Bragança e Lamego. Faltam notícias de Chaves, que se supõe ter aderido também.

A Guarda Republicana do Porto está concentrada em Gaia, havendo razões para supor que não oporá resistência, quando as forças dos revoltosos marcharem sobre Lisboa.

Reñiu-se o comité federal das Juventudes Sindicalistas, que resolveu conservar-se em sessão permanente, atento ao desenrolar dos acontecimentos, aconselhando todos os jovens a velar pela Liberdade e a escutarem todas as indicações da Federação.

Pelas 14 horas de ontem uma força de 10 guardas civis foi à redacção do jornal A Noite arrancar os placardos que ali se achavam afixados.

Segundo informações de fonte particular, dizia-se que a 5.ª Divisão aderira ao movimento.

TIVOLI

MATINÉE ÀS 3 HORAS
SOIRÉE ÀS 9 HORAS
ÚLTIMA EXIBIÇÃO

O FANTASMA
— DO —
MOULIN ROUGE

História fantástica em oito partes

PARIS EM CINCO DIAS

Comédia em seis partes com o célebre artista

NICOLAS RIMSKY

UMA PANORAMICA

Uma comédia de desenhos animados

A crise no Algarve

Uma nota officiosa das classes trabalhadoras algarvias

Com o pedido de publicação recebemos a seguinte nota officiosa:

«As comissões do povo do Algarve, em face da gravidade dos acontecimentos desenvolvidos no país, não tendo conseguido entrevistar o sr. presidente do ministério, na passada sexta-feira, como estava concertado, resolveu não interromper as suas demarches; e assim hoje, sábado, progreu, sua ex.ª nos ministérios do Interior e Guerra, governo civil e quartel do Carmo, infelizmente sem resultado. Mais resolveram avistar-se com sua ex.ª o sr. Presidente da República, tendo sido recebidos na sua ausência pelo secretário geral da presidência sr. comandante Jaime Atlas, a quem foi lida a representação a entregar ao chefe do Governo, ficando aquele senhor de tudo comunicar ao chefe do Estado.

Justo é salientar a forma atenciosa como as comissões têm sido recebidas em toda a parte principalmente pelo comandante sr. Jaime Atlas, cuja gentileza e interesses manifestados muito sensibilizaram os comissionados algarvios.

Dada a situação desesperada do Algarve que não admite delongas, as comissões do povo do Algarve estão na firme disposição de não abandonar Lisboa sem levar uma resolução definitiva sobre a momentosa questão que as trouxe a-Lisboa com tão evidente sacrificio.

Lisboa, 29 de Maio de 1926.—As Comissões.

DESPORTOS

Foi adiada para domingo próximo a final do Campeonato de Futebol

Por dificuldades surgidas no facto de os delegados do Norte, à Federação, não concordarem com a realização do encontro em Lisboa, como noticiámos ontem, foi este adiado para o dia 6 de Junho, contando-se fazer reunir extraordinariamente o Congresso da Federação, na quarta-feira próxima, fixando-se então definitivamente o local onde se realizará a final.

Al Marítimo, que tem sido estranho a este «gachis», tanto se preocupando ele jogar em Lisboa como no Porto, contando que a Federação o determine, está sofrendo um grande encargo com esta demora, havendo já manifestado desejos de que se resolvesse a questão pelo melhor, pois em caso algum aceitará o título máximo, sem que o alcance no campo em disputa com o campeão de Lisboa.

Torneio Infantil para a Taça «Alvaro Gaspar»

Estão marcados para hoje os seguintes encontros:

No Campo de Palavã.—Hockey-Bemfica, às 10 horas, arbitro Joaquim Neves de Carvalho; Portugal-Operário, às 11, 30, arbitro Rogério de Sá.

No Campo do Lumiar.—A.—Sporting-Cruz Quebrada, às 10 horas, arbitro António Braz; Império-Belenenses, às 11,30 horas, arbitro João Frias.

Hipismo

No Jockey Clube, hoje, corridas de cavalos

No Campo Grande, realiza-se hoje no vasto hipódromo 5 corridas, entre elas a importante prova «Grande premio do Jockey-Club», na qual estão inscritos os melhores cavalos e que é dotada com o importantissimo premio de 20 contos para o vencedor e premios consideráveis para os segundos e terceiros classificados.

Esta prova é de 3.000 metros, duas voltas inteiras, e será rijamente disputada, despertando o máximo interesse. Estão inscritos os seguintes cavalos:

«Whitby», «Marquis» e «Ramiane», do sr. Conde de Pinhel. «Esguia», do sr. Conde de Sobral. «Sonora», do sr. Santos Jorge. «Rocher Rouge» e «La Smalah», do sr. J. de Ornelas Matos.

Atletismo

Taga «Gentil dos Santos»

A pedido do clube organizador e com consentimento official da F. P. S. A. as corridas de estafetas organizadas pelo Clube Interacional de Foot-Ball para disputa da taga «Gentil dos Santos» e que se deviam realizar hoje, ficam transferidas para 27 de junho.

Torneio Inter-sócios do Internacional

As provas que estão marcadas para as 10 horas de hoje e que servirão de estudo definitivo para a formação da «equipe» concorrente aos campeonatos de «juniores», são as seguintes:

80, 330 e 1000 metros; Saltos em altura; Saltos em extensão; Saltos à vara; Pêso (5 quilos); Disco; Estafetas 5x83.

Os «handicaps» são os estabelecidos nas provas identicas já realizadas.

TEATRO AVENIDA

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

ÚLTIMAS representações do

PÃO DE LÓ

com o FADO DO SOLDADO

4 de Junho—Inauguração da Época de Verão com o vauvauvau de E. Rodrigues, F. Bermudes e João Bastos

O DR. DA MULA RUÇA

FARINHA PEITORAL LACTEA CENTAZI

A saúde das crianças

A força dos convalescentes

A energia dos velhos

— Procurar nas casas que melhores produtos vendem —

Agente geral: J. ROUSE—Rua da Madalena, 214, 2.º

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Na Academia de Amadores de Musica

Eduardo Libório, se não se impuzesse pela sua competência de músico e de musicógrafo de certo quillate, havia fatalmente de ser considerado como um devotado a quem não assumam obstáculos, a quem não movem paixões. O seu nacionalismo musical é tudo quanto há de mais simpático e como não é certamente um nacionalismo que possa ter aspectos políticos, agrada-nos incondicionalmente.

A sua ligeira preleção do concerto de ontem, aparte uma ou outra afirmação que pode dar-nos a sugestão de tendências políticas, mas que é afinal o reflexo do amor que dedica à sua arte, é qualquer coisa de interessante e que se fixa pelo bom senso e pela boa vontade.

A sua causerie, correspondeu inteiramente a parte musical em que se compreendiam trechos de Rey Colaço, de Antonieta de Lima Cruz, Pinto Torres, Viana da Mota, Oscar da Silva e Tomaz Borba.

Foi brilhante a execução dada por D. Cecília Borba, Fernando Botelho Leitão, Pinto Torres, D. Arminda Correia, D. Isabel Manso, D. Beatriz Soares, Sousa Lopes.

A Academia de Amadores de Musica está desempenhando na sociedade portuguesa, um interessante papel educativo, graças à tenacidade e competência dos seus dirigentes.

Reclames

E' hoje o 1.º domingo em que se representa no Apolo, a tragédia «Oteio», peça de reputação mundial.

—A temporada de verão no Gimmásio, inaugura-se depois de amanhã, terça-feira, com a hilarante comédia «O célebre Pina» desempenhada por vários artistas que, na sua maioria, já nessa peça tomaram parte, voltando aos papéis que interpretaram há anos, quando a referida peça foi a scena, com enorme êxito. Na temporada de verão, no Gimmásio, os preços dos bilhetes tem um considerável abatimento.

—Quem estiver livre ao domingo e faltar hoje ao Gimmásio ficará sem ver a encantadora peça «O Rosário», que amanhã se despede, seguindo a companhia para o norte na terça-feira.

TEATRO APOLO

Emp. Ruas—Telef. N. 4929

HOJE

A emocionante tragédia de Shakespeare

OTEO

Protagonista:

Rafael Marques

HOJE E SEMPRE

Maria Vitória

FOOT-BALL

DOMINGO, 6:—«Matinée» do

contra-regra Luis Costa

TEATRO DO GIMNÁSIO

HOJE—HOJE

a encantadora comédia

O ROSÁRIO

Protagonista: Palmira Bastos

No principal papel masculino: Tarquinio Vieira

1 DE JUNHO:—Inauguração da época de verão (grande redução de preços) com a espiituosa farça

O CÉLEBRE PINA

Protagonista: Palmira Bastos

No principal papel masculino: Tarquinio Vieira

1 DE JUNHO:—Inauguração da época de verão (grande redução de preços) com a espiituosa farça

O CÉLEBRE PINA

Protagonista: Palmira Bastos

No principal papel masculino: Tarquinio Vieira

1 DE JUNHO:—Inauguração da época de verão (grande redução de preços) com a espiituosa farça

O CÉLEBRE PINA

Protagonista: Palmira Bastos

No principal papel masculino: Tarquinio Vieira

1 DE JUNHO:—Inauguração da época de verão (grande redução de preços) com a espiituosa farça

O CÉLEBRE PINA

Protagonista: Palmira Bastos

No principal papel masculino: Tarquinio Vieira

2.ª EDIÇÃO

ULTIMAS NOTICIAS

Terminou vitoriosamente para a classe milit. o movimento revolucionário

O comandante da 1.ª Divisão e um membro da Junta Militar falaram à «Batalha».—O sr. Ferreira do Amaral foi nomeado Governador Civil de Lisboa.—O comandante Mendes Cabeçadas e a sua influência no movimento

Consumaram-se as nossas previsões. O movimento revolucionário, que eclodiu sob uns auspícios muito enternecedores, derivou num triunfo das forças militares!

Há algumas horas que o poder das espadas pesa sobre as nossas cabeças. Há alguns momentos que a cidade está entregue ao militarismo!

Quem governa é a espada! Quem dirige os destinos do país são os homens dos galões!

O que vai ler-se, e que é o resultado das pesquisas de um nosso redactor, dá bem a perceber ao leitor que estamos em presença de uma ditadura militar, tão odiosa como a ditadura do odioso Partido Democrático que acaba de succumbir ao peso dos seus próprios crimes!

O pouco tempo que dispomos não permite uma larga análise à situação que vamos atravessar.

Amanhã, mais de espaço, faremos essa análise com o desassombro que nos é proverbial nestas delicadas emergências.

No Quartel General

O repórter chegou à Cova da Moura quando rompia a alvorada. Depois de anunciado ao cabo da guarda foi pelo official de serviço conduzido ao gabinete do general sr. Simas Machado, comandante da 1.ª Divisão do Exército, que não pôde receber em virtude de estar marcada uma conferência com o comandante da Policia Civica de Lisboa.

Depois da retirada do sr. Ferreira do Amaral o repórter é recebido pelo general Simas Machado.

A conversa foi ligeira. O comandante da 1.ª Divisão disse-nos o indispensável. Apenas o seguinte:

—Acaba de me ser entregue, pela Junta Militar de Lisboa, a manutenção da ordem publica. Por esse motivo vou notificar ao sr. presidente da República.

—Quanto tempo durará a situação?

—Até que esteja constituído um governo. Queremos a ordem nas ruas e para isso temos que tomar medidas de defesa.

E acrescenta:

—E' este o nosso fim. Contamos com todas as unidades da guarnição.

—Qual é a attitudo da guarnição de Lisboa no caso de se verificar o avanço dos revoltosos?

—Não os hostilizaremos. Foi por isso que damos com o movimento que criamos a Junta Militar.

Serão suspensas as garantias?—inquirimos.

Nem as garantias serão suspensas, nem será estabelecida a censura aos jornais. Estes ficam com inteira liberdade de escrever.

Ferreira do Amaral, governador civil de Lisboa

A conversa deslousou agora para a nomeação do governador civil de Lisboa. Nesse sentido o comandante da Divisão disse-nos:

—Há poucos minutos nomeei, internamente, governador civil de Lisboa o sr. Ferreira do Amaral.

—E o cargo de comandante da policia civica?

—Continuará sendo desempenhado por aquele official.

Uma outra declaração do general sr. Simas Machado:

Serão respeitadas todas as garantias individuais. Por conveniência de todos aconselharei a população que recolha a casa às 24 horas.

Uma conversa com um membro da Junta Militar

Quizemos também arquivar nas colunas de A Batalha as opiniões de um membro da Junta Revolucionaria de Lisboa.

Para o conseguirmos, rodámos da Cova da Moura para o quartel das Janelas Verdes onde subimos a escadaria da Junta.

O portão de ferro encerrado deixou-nos ver, através os varões, um grupo de sargentos, rostos macerados pela vigília.

Chamado o official de serviço, declinámos a nossa identidade e os nossos propósitos. Minutos depois eramos introduzidos num gabinete onde se achavam um grupo de tenentes e a uma secretária o capitão Freire Quaresma que, confessando-se muito fadado, se nos declarou membro da Junta e disposto a atender-nos.

—Os fins da Junta—perguntámos.

—A Junta de Lisboa—diz-nos contorcendo-se o capitão Quaresma—foi constituída por officiaes que desde o inicio estavam em